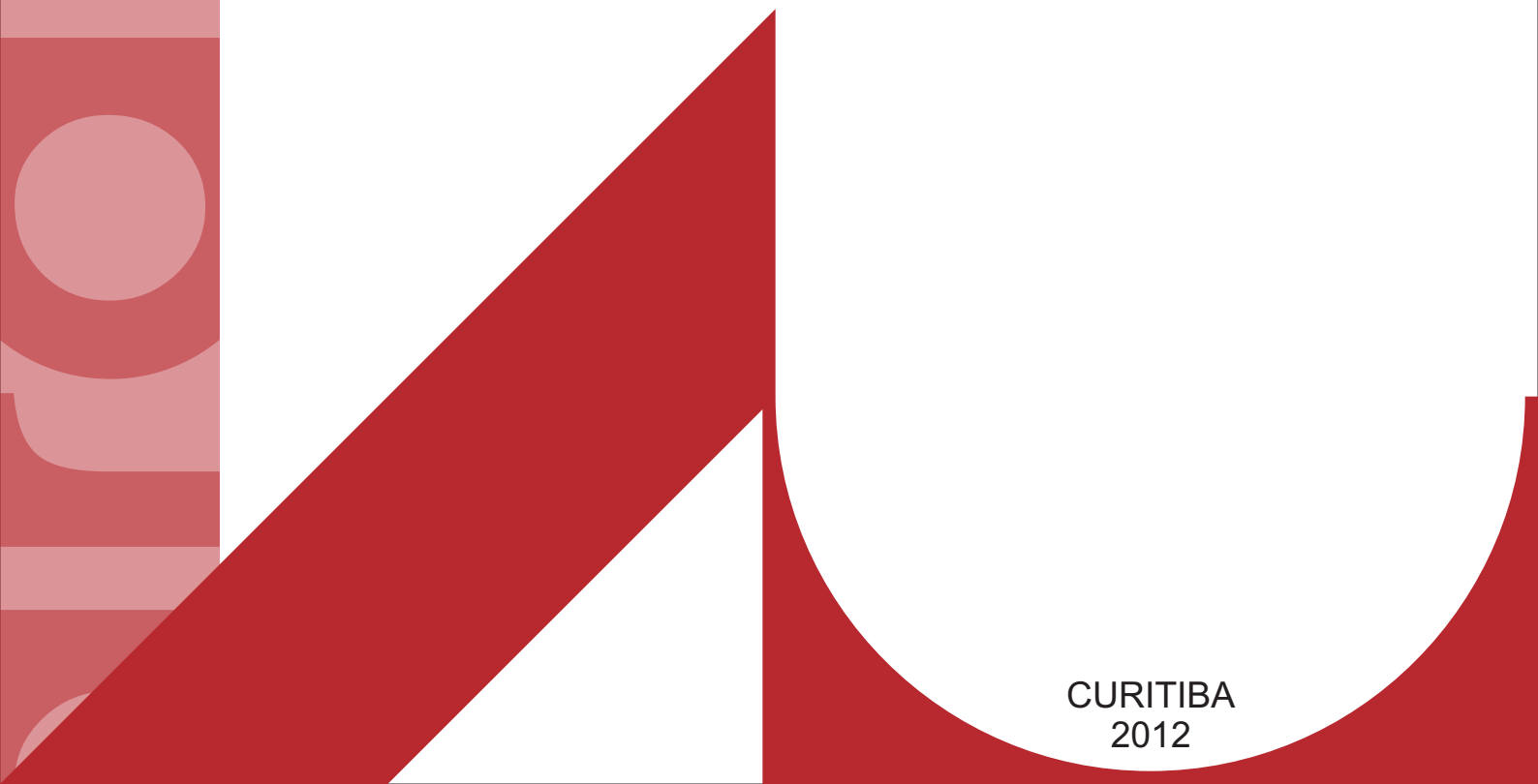


HERMÍNIO ANTONIO PAGNONCELLI

POCKET PARK EM CURITIBA

Tema Final de Graduação
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Paraná

Prof. Orientador: Dr. Paulo Chiesa



CURITIBA
2012



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo



HERMÍNIO ANTONIO PAGNONCELLI

Pocket Park em Curitiba

CURITIBA

2012

HERMÍNIO ANTONIO PAGNONCELLI

Pocket Park em Curitiba

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para à conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Chiesa

CURITIBA

2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Chiesa

Examinador:

Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli

Examinadora:

Prof^a Dra. Cristina de Araújo Lima

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, 23 de outubro de 2012.

Dedico este trabalho aos meus pais, que tanto se esforçaram para me garantir uma educação de qualidade. E as minhas irmãs que me apoiaram durante todo o percurso acadêmico da graduação.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Chiesa, que me guiou com sabedoria e paciência durante todo o processo de pesquisa. Aos meus familiares e amigos que me acompanharam nessa jornada paisagística.

“Architects don’t invent anything, they transform reality.”

Alvaro Siza

RESUMO

Esta pesquisa discute a revitalização do espaço livre urbano pela implantação de um *pocket park*, analisando sua capacidade como um instrumento de geração de cultura. O embasamento teórico apresentado procura resgatar a história por trás desta tipologia de espaço de transição, relacionando o com as suas aplicações contemporâneas. Fazendo dessa forma uma introdução à investigação sobre as experiências de renovação urbanas globais e locais, focando no Setor Histórico de Curitiba, cuja realidade será interpretada em busca de suas deficiências e potencialidades. O objetivo final é gerar diretrizes para a elaboração de propostas de um *pocket park* que tenha a capacidade de ajudar a revitalizar a área onde será implantado.

Palavras-chave: *Pocket Park*. Curitiba. Espaço de transição. Revitalização urbana.

ABSTRACT

This research discusses the revitalization of the urban open space by the implantation of a pocket park, analyzing its capacity as an instrument of generation of culture. The theoretical basis presented seeks to recover the history behind this typology of transition space, relating it with the contemporary applications. Making this way an introduction to the investigation about the experiences of urban renovations in global and local scales, focusing the study at Setor Historico of Curitiba, whose reality will be interpreted to find its deficiencies and potentials. The final objective is to generate guidelines for the elaboration of a pocket park proposal that has the capacity of helping to revitalize his implantation area.

Key words: Pocket Park. Curitiba. Transition space. Urban revitalization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁG.
01	<i>Ilustração da cidade de Nova York em 1967</i>	19
02	<i>Esquema do conceito proposto por Robert Zion</i>	20
03	<i>Processo de construção do blue triangle park</i>	22
04	<i>Neal's Yard Salad Bar</i>	23
05	<i>Dois pocket parks japoneses da década de 80</i>	23
06	<i>Entrada do Paley Park</i>	26
07	<i>Graffiti dos Gemeos em Boston</i>	32
08	<i>Setor Historico de Curitiba</i>	35
09	<i>Casa Kirchgassner</i>	36
10	<i>Localização do paley park</i>	38
11	<i>Paley Park</i>	39
12	<i>Stork club (atualmente Paley Park)</i>	40
13	<i>Cena de um baile no Stork club</i>	40
14	<i>Esquema do projeto</i>	41
15	<i>Interior do Paley Park</i>	42
16	<i>Planta do Paley Park</i>	42
17	<i>Queda d'água do Paley Park</i>	43
18	<i>Detalhes do parque</i>	44
19	<i>Mapa de localização</i>	45
20	<i>Vistas da situação anterior ao projeto</i>	46
21	<i>Esquema de distribuição do programa</i>	47
22	<i>Croqui conceitual e maquete do projeto</i>	47
23	<i>Vistas da praça dentro e fora</i>	48
24	<i>Exposição na praça da CaixaForum</i>	49
25	<i>Exposição na praça da CaixaForum</i>	49
26	<i>Localização do Medialab Prado</i>	50
27	<i>Exibição na praça sobre a Medialab Prado</i>	51
28	<i>Corte da praça - telão de led</i>	52
29	<i>Maquete do projeto da Plaza de Las Letras</i>	52
30	<i>Ateliê multifuncional do Medialab Prado</i>	53
31	<i>Parte baixa da Plaza de LasLetras</i>	53
32	<i>Maximillian's Shell vista da rua</i>	55
33	<i>Montagem e abertura da instalação</i>	56
34	<i>Projeto paramétrico das peças</i>	57
35	<i>Vista sobre a instalação</i>	57
36	<i>Here There Be Monsters</i>	58

37	<i>Estudo das deformações da ponte de bamboo</i>	59
38	<i>Montagem da instalação</i>	59
39	<i>Here There Be Monsters</i>	60
40	<i>Bloom</i>	61
41	<i>Desenvolvimento por maquetes</i>	62
42	<i>Desenvolvimento das peças</i>	62
43	<i>Montagem da instalação</i>	63
44	<i>Bloom finalizada</i>	63
45	<i>Localização do SH no Mapa de Zoneamento de Curitiba</i>	66
46	<i>Setor Especial Histórico de Curitiba</i>	67
47	<i>Eixos intervistos até 2012</i>	68
48	<i>Mobilidade</i>	69
49	<i>Áreas em situação de abandono</i>	70
50	<i>Entorno da área de interesse</i>	71
51	<i>Edificação em situação de abandono – vista da rua 13 de</i>	72
52	<i>Edificação em situação de abandono – vista da rua Jaime</i>	73
53	<i>Vista geral da quadra – vista da rua 13 de maio</i>	73
54	<i>Foto aérea do terreno</i>	74
55	<i>Ligação do eixo Manoel Ribas com o setor histórico</i>	75
56	<i>Trabalho com níveis na Plaza de Las Letras</i>	80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA	13
1.2. OBJETIVOS.....	14
1.2.1. OBJETIVO GERAL.....	14
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.3. JUSTIFICATIVAS	15
1.4. METODOLOGIAS DE PESQUISA.....	16
1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	16
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	18
2.1. POCKET PARK	18
2.1.1. HISTÓRICO.....	18
2.1.2. APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA	21
2.1.3. CONCEITUAÇÃO.....	25
2.2. ESPAÇO DE TRANSIÇÃO	27
2.3. REVITALIZAÇÃO DOS CENTROS URBANOS	30
2.3.1. RETORNO AO CENTRO.....	30
2.3.2. SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA.....	33
3. ANÁLISE DE OBRAS CORRELATAS	37
3.1. PALEY PARK – NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS	38
3.1.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO	38
3.1.2. PROJETO	41
3.2. CAIXAFORUM MADRID – MADRID, ESPANHA	45
3.2.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO	45
3.2.2. PROJETO	46
3.3. MEDIALAB PRADO – MADRID	50
3.3.1. LOCALIZAÇÃO	50
3.3.2. PROJETO	51
3.4. MATERIALS & APPLICATIONS – LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS	54
3.4.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO	54
3.4.2. PROJETO: MAXIMILIAN'S SHELL – 2005	55
3.4.3. PROJETO: HERE THERE BE MONSTERS – 2006	58
3.4.4. PROJETO: BLOOM – 2012.....	61
4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE.....	64
5. DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO.....	76
5.1. ACESSOS	76
5.2. ONDE SENTAR	77
5.3. ASPECTOS NATURAIS	78
5.4. EQUIPAMENTO CULTURAL.....	79

5.5. SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO	79
5.6. CONCLUSÃO	80
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
7. WEBGRAFIA	83
8. FONTE DAS ILUSTRAÇÕES	85

1. INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que a sociedade conquistava condições de trabalho melhores e mais humanas, o espaço público e privado também sofriam transformações, tentando atender a demanda de uma população com crescente poder aquisitivo e tempo livre. Essa condição, junto com um crescimento acelerado das cidades, contribuiu para que surgissem novas formas de apropriação espacial nas áreas urbanas, denominadas de espaços de transição.

Nesse contexto encontrasse um modelo de espaço transitório chamado *pocket park*, tipologia paisagística que será estudada nesta pesquisa com o fim de aplicar sua potencialidade como instrumento de revitalização em uma área de Curitiba. Para atingir esse objetivo foi escolhida a região do Setor Histórico, local que apresenta uma paisagem importante para a cidade por ainda conter os primeiros traços de urbanização, como alinhamentos e formatos de quadra. No entanto esse setor possui atualmente investimentos concentrados apenas em sua porção sudeste, situação que será analisada em busca do local correto para implantação de um *pocket park* com uma função ligada à geração de cultura e lazer.

A pesquisa apresenta aspectos gerais que envolvem o surgimento, a evolução e a conceituação do *pocket park*, tratando rapidamente sobre os aspectos positivos e negativos das revitalizações urbanas locais e globais, de maneira que sua aplicação possa ajudar a recuperar a região escolhida.

1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA

A escolha pelo *pocket park* enfatiza a busca por alternativas de ocupação na cidade, não limitando os lotes urbanos apenas a construção de edifícios que ocupem todo o seu potencial – pois em certos momentos é necessário que um gabarito de edificações com escala menor seja mantido, principalmente para conservar a paisagem do local. Nesse contexto será estudada uma ocupação paisagística do lote, no lugar da arquitetônica.

É também por meio dessa premissa que se busca a viabilidade de implantação de um desses pequenos parques no perímetro do Setor Histórico, que é

um intrincado sistema de espaços livres. Nele existe um grande potencial para receber essa tipologia, não apenas pela necessidade, mas também porque em Curitiba a população tem reagido à mudança da vida pública para espaços fechados. Assim criando e organizando eventos sem auxílio do estado, que têm tomado praças, parques, largos e ruas. Exemplos disso são as Quadras Culturais (Shows e espetáculos de rua), o Ano Novo Fora de Época, o Pré-Carnaval, e outros como a Bicletada (passeio ciclístico organizado por ativistas que defendem a prioridade sobre o uso da bicicleta como modal de transporte). Este cenário torna possível a proposta de um espaço livre que tenha contato com o público, e promova a cultura – instrumento que contribui para gerar a revitalização urbana.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem por objetivo geral a definição de diretrizes para o projeto de um *pocket park* nas proximidades do Setor Histórico de Curitiba. Busca-se o embasamento teórico-conceitual que relacione a geração de cultura como meio de revitalização de área desvalorizadas, e o bom uso do espaço livre com a poética da paisagem.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, pretende-se com esta pesquisa:

- Compreender o surgimento do *pocket park* na década de 1960, estudando o momento histórico, contexto e motivos relacionados.
- Analisar a evolução da tipologia, e sua adaptação para o uso em outros continentes, gerando assim uma base para a conceituação da mesma.
- Compreender as mudanças ligadas à separação dos espaços entre público e privado e de transição; Entendendo como isso afeta o objeto

em estudo.

- Buscar referências sobre intervenções em áreas desvalorizadas e históricas, assim como meios de realiza-las, comparando a situação que se aplicam ao contexto curitibano.
- Analisar casos correlatos de uso da tipologia do *pocket park*.
- Interpretar a situação do Setor Histórico de Curitiba em relação aos investimentos que vem sendo realizados, e sobre a apropriação espontânea ocorrida – verificando as áreas desvalorizadas, em busca de locais para a implantação do *pocket park*.
- Definir as diretrizes gerais de projeto, levando em consideração os aspectos que durante a pesquisa se mostraram de maior relevância para a realização de uma boa intervenção paisagística e arquitetônica no local.

1.3. JUSTIFICATIVAS

Em especial o interesse por essa área da cidade de Curitiba se deu por ter acompanhado sua evolução desde cedo, pois morava nas proximidades desse setor – fato que nutriu um sentimento de curiosidade perante sua parte menos vista, visitada e sem atrativos. O conhecimento da tipologia paisagística do *pocket park* foi o fator que reavivou a possibilidade de estudar com maior profundidade os aspectos urbanos, físicos, culturais e sociais que tornam um ambiente aberto interessante ou não para seus usuários. Por ser uma tipologia que foi pouco explorada no Brasil, mas em evidência na atualidade nos países que já o usaram anteriormente, o *pocket park* acaba por constituir um tema pertinente para a pesquisa do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Maneiras alternativas de tratar o espaço público e o espaço de transição têm surgido, e essas relações devem ser experimentadas e estudadas, a fim de poder aprimorar e aplicar conscientemente o modelo, sem replicar apenas aquilo que vem sido feito em outros países. Devesse buscar por uma contextualização do espaço aberto, fechado ou transitório, realizando um estudo aprofundado das relações entre

surgimento da tipologia e realidade local. Curitiba nesse caso apresenta um potencial para a aplicação dela, pois apresenta um sistema de espaços livre bem formado em sua área central. O que possibilita a inserção do *pocket park* conectado a esse contexto.

1.4. METODOLOGIAS DE PESQUISA

A pesquisa abrangerá três temas centrais: O projeto e conceituação dos *pocket parks*, conceitos de espaço transitório e a revitalização de centros históricos. O local da intervenção, o Setor Histórico de Curitiba, foi analisado através de levantamento de informações em campo, documentos, artigos de jornal e mapeamentos. Para os casos correlatos foram utilizados quatro exemplos internacionais, por não existir exemplos de excelência no cenário nacional. No entanto foi possível levantar os dados necessários e entrar em contato com pessoas que já haviam visitado alguns destes casos.

1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO

A pesquisa apresentada nesse volume faz parte do Trabalho Final de Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. As informações reunidas nessa etapa do trabalho estão organizadas em quatro capítulos, somados ao de introdução. Neles buscou se a fundamentação teórica para uma proposta de um *pocket park* no Setor Histórico de Curitiba.

O Capítulo dois apresenta a conceituação temática do trabalho, apresentando todas as bases teóricas e conceituais que guiaram o processo de pesquisa e análise de dados.

A terceira parte relaciona uma série de quatro casos correlatos, que embora tenham suas diferenças, mantém características que podem ser extremamente relevantes para o processo de projeto.

A interpretação da realidade, inserida no capítulo quatro, é a análise espacial do Setor Histórico, culminando no aprofundamento em uma das suas regiões. Para

realiza-lo foram usados como base os estudos realizados por Sun Alex, em Projeto de Praças (2008), e Kevin Lynch, em A Imagem da Cidade (1997).

O último capítulo é o que apresenta as diretrizes de projeto resultantes da pesquisa realizada. Onde tomando como parâmetro um dos terrenos estudados no capítulo anterior, aspectos norteadores de um bom espaço transitório e público serão sugeridos. Para melhor guiar esse processo os estudos de Sun Alex (2008) foram retomados, assim como os realizados por William Whyte em *The Social Life of Small Urban Spaces* (2001).

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Este capítulo tratará das bases teóricas e conceituais que foram consideradas de maior importância para analisar o *pocket park*. No entanto sem a pretensão de ser um profundo estudo de cada característica, os subcapítulos apresentados têm o objetivo de dismantelar e organizar cada fator que compõe esta tipologia para que assim possa ser analisada e posteriormente aplicada.

2.1. POCKET PARK

Para facilitar este estudo do *pocket park*, será apresentado inicialmente um histórico do surgimento. Isso porque seu desenvolvimento posterior foi muito embasado em uma das primeiras experiências, o Paley Park, considerado um ‘oásis urbano’ inserido na área central de Nova York (BARRA, 2006). No entanto, as aplicações contemporâneas apresentam novas características e funções, por isso serão tratadas em um subcapítulo próprio de maneira que possa se entender as variações dessa tipologia antes de conceitua-la, em um último subcapítulo.

2.1.1. HISTÓRICO

Em 1960, a cidade de Nova York já vivia uma situação onde sua porção central, em Manhattan, estava densamente construída e atraía uma quantidade infindável de investimentos – cenário propício para uma cidade gerar riqueza e empregos. Porém a grande atratividade gerou um crescimento acelerado, culminando em uma desigualdade socioeconômica acentuada, criando bairros marcados por uma degradação física e social, como o Bronx. Esse contexto dificultava o investimento em espaços livres públicos, necessários para a melhoria da qualidade de vida. Por conta disso, teorias eram tecidas sobre a criação de áreas públicas em ambientes densos e com alto potencial construtivo: como o programa de incentivo a espaços livres, criado com o zoneamento de 1961, onde os empreendimentos que incluíssem em seus projetos espaços de uso público receberiam em troca um maior potencial construtivo (NYC, 2012).



FIGURA 1 – ILUSTRAÇÃO DA CIDADE DE NOVA YORK EM 1967

FONTE: Robinson, retirada do livro, “New York: Line by Line, from Broadway to the Battery” (2009)

NOTA: Robinson foi um ilustrador alemão que visitou Nova York em 1967, deslumbrado com a cidade fez inúmeros croquis retratando-a, o livro citado na fonte é uma coletânea exclusiva desses desenhos.

Nesse contexto, é natural que arquitetos, paisagistas, políticos e entidades filantrópicas estivessem empenhados em encontrar possíveis soluções para o assunto. Foi nesse esforço que no ano de 1963, o paisagista Robert Zion, durante uma exposição sobre parques urbanos, a ‘*New York Parks for New York*’, apresenta protótipos de desenhos de parques que tinham de 15 a 30 metros de testada e localizavam-se entre edifícios, com base em terrenos reais. Esses espaços seriam dedicados a trabalhadores e lojistas, para que tivessem onde comer, sentar e descansar em seus intervalos de trabalho (TATE, 2001).

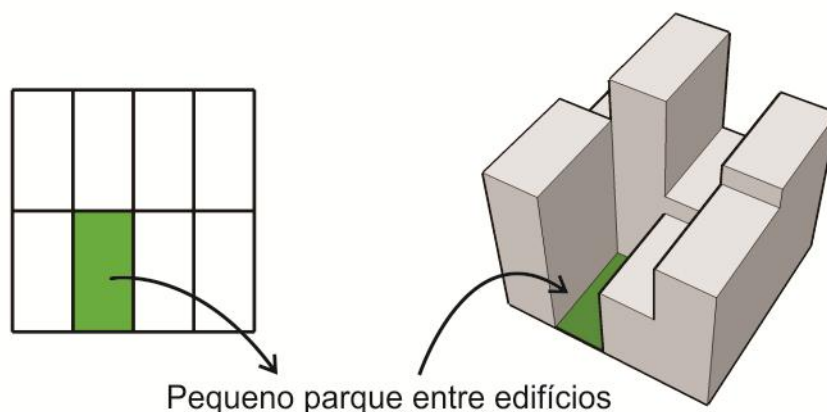


FIGURA 2 - ESQUEMA DO CONCEITO PROPOSTO POR ROBERT ZION
FONTE: O autor (2012)

As propostas apresentadas causaram controvérsias entre os membros da comunidade nova-iorquina, principalmente porque eram contrapropostas ao modelo oficial da época, que dizia que a área mínima que um parque poderia ter era 12.000 m² (WIT, 2009). A grande agitação fez com que o presidente da emissora de rádio CBS, William Paley, ficasse sabendo das discussões em torno dessa nova tipologia. Sendo o ano de morte de seu pai, que havia sido um homem público e um dos fundadores da CBS, sua pretensão era homenageá-lo de alguma maneira. Segundo sua declaração, “quando eu estava pensando sobre uma forma apropriada de criar um memorial para o meu pai... ocorreu a mim que uma área como essa [*pocket park*], bem ao centro da nossa grande cidade, seria o tipo de memorial que mais iria agrada-lo” (TATE, 2001). Seu investimento teve como paisagista o próprio Zion, que teve a oportunidade de aplicar seus conceitos num projeto que levaria quatro anos para ser construído.

Esse tipo de mecenato produziu os primeiros *pocket parks* da história. Embora o Paley Park, originário da homenagem de William Paley e inaugurado em 1967, seja considerado o primeiro, outros foram feitos antes, mas sem a importância e a maturidade presente nesse projeto – tendo esse sido o modelo adotado posteriormente por todos os paisagistas que projetariam esse tipo de parque.

Os primeiros *pocket parks* teriam sido feitos pela ‘*Park Association of New York City*’, em 1965, mas seus projetos eram frágeis e não durariam muito tempo (muito embora eles tenham atraído grande atenção da mídia, o que difundiu os conceitos da tipologia). Seu principal trunfo foi mostrar a facilidade, e rapidez na

ocupação de terrenos vazios, gerando qualidade de vida para a população. Propostas como essas foram incorporadas aos planos urbanísticos de políticos, como John V. Lindsay, que viria a se eleger prefeito de Nova York. Lindsay defendia a criação desses pequenos espaços públicos, com funções novas como de recreação infantil. O sucesso do modelo se espalhou pelos Estados Unidos nos anos seguintes.

2.1.2. APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Atualmente a tipologia de *pocket park* é utilizada em diversos países, tanto do ocidente como do oriente. Seu sucesso em tantos lugares se deu por ser um modelo adaptável, onde suas características principais são mantidas, e outras regionais são adicionadas, sem que perca sua essência tipológica.

Em muitos locais dos Estados Unidos a tipologia se tornou um programa de governo. O melhor exemplo está em Indianapolis, capital de Indiana: criado em 1995, o programa municipal chamado *Keep Indianapolis Beautiful, Inc.* (KIBI), em parceria com a *Indianapolis Power & Light Company* (IPL), juntamente com a prefeitura da cidade, vem ajudando as vizinhanças, escolas, igrejas e outras comunidades organizadas a criar espaços agradáveis em terrenos vazios ou abandonados, vagas de estacionamento e outras áreas subutilizadas. Seu foco está em toda e qualquer área que tenha potencial para ocorrência de atos ilegais, utilizando o *pocket park* como uma ferramenta de revitalização e prevenção. Trazendo para as comunidades mais áreas verdes, equipamentos de lazer e de convivência, tornando-as mais vivas e valorizadas, como na figura 3, que apresenta o processo de implantação de um desses projetos realizado pela comunidade local.

Para o sucesso do programa a organização espera que a própria vizinhança tenha o desejo de criar o espaço. Dessa forma a solicitação tem de partir da comunidade, e o trabalho realizado por voluntários da mesma. O programa dá todo o apoio de gerenciamento do projeto, auxiliando e fornecendo as ferramentas necessárias para realização do parque. O serviço crucial é o planejamento da manutenção dessa área juntamente com a comunidade, garantindo sua durabilidade, e formando um senso de unidade e apropriação coletiva desse novo espaço.



FIGURA 3 - PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO BLUE TRIANGLE PARK
 FONTE: Keep Indianapolis Beautiful Inc. (2006)

Na Europa esses parques têm surgido com maior frequência apenas nos últimos anos, devido a uma preocupação crescente com um desenho urbano que minimize impactos ambientais. A principal cidade que vem utilizando esse discurso é Copenhague, que planeja ser a primeira livre da emissão de carbono até 2025. Nos planos existem a criação de diversos pequenos parques e praças, com diversas finalidades, mas sempre aliadas a conceitos de sustentabilidade. Seus desenhos visam coletar águas pluviais, evitando enchentes, trazer equipamentos de lazer a uma menor distância dos moradores, reduzindo o deslocamento, e aumentar a quantidade de áreas verdes na cidade.

Outras aplicações podem ser encontradas nas cidades medievais europeias, onde porções mais antigas sofrem com a degradação pela falta de valorização e uso. Nesses casos o *pocket park* tem funcionado como uma acupuntura urbana, uma intervenção pontual que gera um efeito irradiador de vitalidade. É o caso de *Neal's Yard Salad Bar* (Figura 4), em Londres. Inserido em um pequeno miolo de quadra medieval, o *pocket park* se transformou em um dos locais mais visitados por turistas e moradores.



FIGURA 4 - NEAL'S YARD SALAD BAR
FONTE: Luiza Domingues (2012)

No oriente, foi o Japão que melhor desenvolveu o *pocket park*. Auxiliados pelo fato dos jardins serem uma longa tradição japonesa, os parques surgem nos anos 80, como uma forma não apenas de lazer, mas também como uma medida mitigatória contra desastres ambientais. Sua localização tenta funcionar tanto como rota de fuga, como local seguro, isolando as edificações umas das outras, evitando assim o alastramento de incêndios em áreas propensas. (MURAO, 2008). Seus projetos têm as mais diversas características, sendo frequente a criação de cursos d'água (Figura 5), locais sombreados e equipamentos para recreação infantil. Assim como os pequenos espaços norte-americanos, existe pouca vegetação, dando preferência a espaços pavimentados.



FIGURA 5 – DOIS POCKET PARKS JAPONESES DA DÉCADA DE 80
FONTE: Contemporary Japanese Landscape (p. 120; 126, 1988)

Recentemente a Universidade de Chiba, no Japão, passou a resgatar o modelo, adaptando-o novamente, desta vez contestando a paisagem das ruas da cidade. Por meio de pesquisas de campo e experimentações práticas o professor Isami Kinoshita guia seus alunos por um novo conceito de espaço público que agrega o espaço privado. Segundo Isami, a forma de ocupação que está ocorrendo foi herdada dos europeus, onde as fachadas das edificações moldam o espaço público. E isso está gerando um isolamento da população, aumentando assim a criminalidade e a falta de comunicação entre vizinhos (KINOSHITA, 2007). Nesse sentido o *pocket park* se enquadraria como um espaço transitório, constituindo-se de resquícios de lotes privados, com acesso livre e permeabilidade visual, favorecendo assim o lazer e a convivência dos moradores de dada região.

No caso do Brasil não foi constatada a existência de exemplos de *pocket park*. Embora existam planos de implantação em diversas capitais como um instrumento de valorização urbana, estas propostas ainda não saíram do campo teórico. Entre as cidades que visam utilizar a tipologia está São Paulo, que o apontou como um dos instrumentos de construção da sustentabilidade na cidade, juntamente com parques lineares. A implantação desse modelo visa à criação de planos específicos para esse fim, onde seriam previstos uma rede de parques inseridos na malha urbana. Essa iniciativa aconteceria em conjunto com ações de comunicação e educação ambiental com as comunidades próximas (SEPE, 2008).

Em Curitiba, assim como em outras cidades brasileiras, a legislação classifica os tipos de espaços livres e apesar de existirem denominações como largos e jardinetes para pequenas áreas públicas, elas não podem ser confundidas com aquilo que conforma o *pocket park*, pois em primeira instância tais espaços surgiram de maneira diferente – ligada principalmente à formação das cidades coloniais brasileiras, onde constituíam pontos de atenção e focalização urbanística, localizando-se ao redor de locais importantes da vida cívica e religiosa (REIS FILHO¹ et al., 1968, apud LOBODA et al. 2005). Sendo essas áreas de propriedade pública e normalmente apenas ajardinadas, suas características diferem das do *pocket park*, que podem ser inseridos em lotes privados, com variadas funções.

¹ REIS FILHO, N. et al. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968.

2.1.3. CONCEITUAÇÃO

Apesar da diversidade de formatos, funções, materiais e locais de implantação, os *pocket parks* mantêm características intimamente ligadas ao seu surgimento. Seu histórico forma uma base sobre a essência da tipologia. É dela que podemos retirar o seu conceito. Essa espécie de espaço surge como uma necessidade do homem contemporâneo, num tempo em que leis trabalhistas lhe asseguram tempo livre. Dessa liberdade temporal nascem diversas atividades que são exercidas tanto em áreas livres como fechadas, e sempre em contato imediato com o espaço público. Atividades essas, voltadas ao lazer e desenvolvimento cultural, que se tornaram, segundo Lalive D'Épinay et al. (1997, citadas por Magnani et al., 2000), base dos direitos humanos.

Para muitas pessoas, o trabalho continua sendo uma necessidade, mas não como uma forma de auto-realização (...) os direitos dos seres humanos não são apenas viver e trabalhar, mas viver e desenvolver-se, o que requer segurança não apenas material, mas emocional. (LALIVE D'ÉPINAY² et al., 1992, apud MAGNANI et al., 2000).

Os *pocket parks* são uma tentativa de trazer aos cidadãos um local onde o lazer pudesse ser exercido fora dos grandes edifícios, esgueirando-se por dentro das quadras fechadas, e criando verdadeiros oásis urbanos. Com o tempo evoluiu também como uma medida que propiciava recreação e atividades culturais em regiões residenciais, sempre buscando fortalecer a convivência entre os usuários e sua segurança. Sendo assim, suas características principais são suas dimensões, localização, funções e equipamentos.

Eles são pequenos espaços livres, de caráter público, mas localizados inteiramente ou em porções de lotes privados. Suas dimensões variam bastante, entre 300m² e 3.000m², mas sempre estando dentro de quadras densas, tanto no miolo delas como em suas esquinas, em terrenos ora regulares, ora irregulares,

² LALIVE D'ÉPINAY, C. et al. Beyond the Antinomy: Work versus Leisure? Stages of a cultural mutation in industrial societies during the twentieth century. *Society and Leisure*. 14 (2), 433-446.

vazios, ou substituindo construções abandonadas. Segue funções que tenham relação com o contexto onde fora inserido, porém constantemente relacionadas com lazer, como descanso, recreação de adultos e crianças, desenvolvimento cultural, convivência e contemplação (MARYMAN, 2006).

Seus espaços mais tradicionais se assemelham aos jardins enclausurados, remontando cenários seculares, com fontes, cascatas, e desenhos contemplativos, assim como a simbologia presente neles. Na cultura japonesa, os jardins zen presentes nos templos eram instrumentos meditativos. Seus desenhos eram focados na ordem, isolamento, criando vistas fisicamente inacessíveis, forçando a meditação (KRINKE, 2005). Os espaços que apresentam essa qualidade contemplativa são aqueles que conseguem recriar um ambiente sagrado. Com uma espécie de ritual de passagem. Esse aspecto fica muito claro no projeto de Zion do Paley Park (Figura 6): uma entrada recuada e uma escada elevam o parque do nível da rua, assim sacralizando o ambiente.

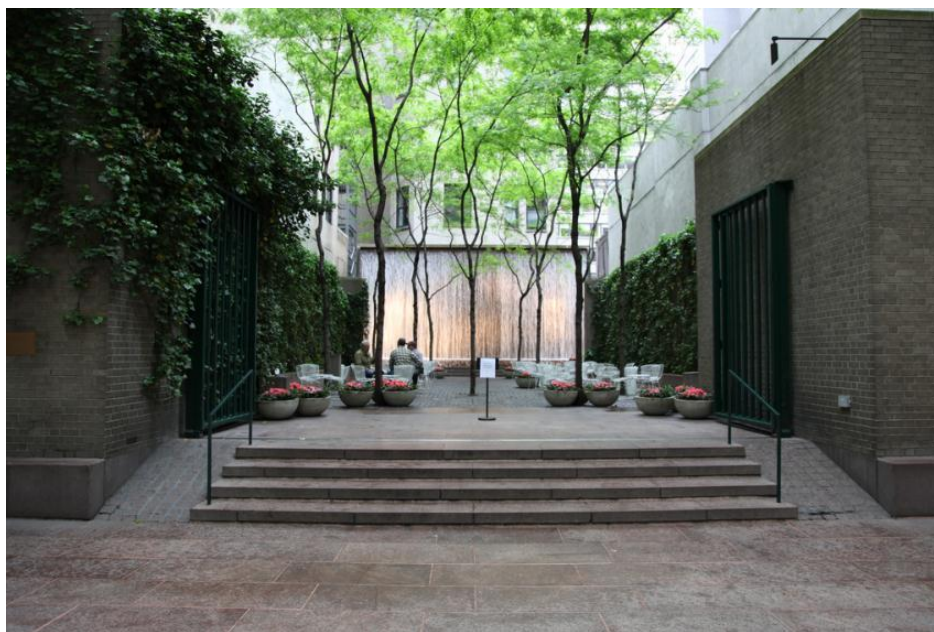


FIGURA 6 - ENTRADA DO PALEY PARK
FONTE: Jon Geib (2007)

Aos discursos sobre sustentabilidade que evocam termos como “construções verdes”, estes parques têm pouco a contribuir, dado a suas dimensões e grande impermeabilização do solo e pouca arborização se comparada a parques e praças. Sua contribuição é sustentável no sentido de melhorar a qualidade de vida da população que se encontra num raio de poucas quadras, fazendo com que elas

não tenham que se locomover com nenhum tipo de modal poluente para ter acesso a atividades de recreação e lazer. Por ser um modelo altamente adaptável pode ser implantado em praticamente qualquer tipo de vazio urbano.

2.2. ESPAÇO DE TRANSIÇÃO

Os *pocket parks* apresentam características tanto de espaço público, como de espaço privado. Por isso configuram-se como espaços de transição, que são frutos de uma evolução das dinâmicas da vida urbana. Dinâmicas que vem se transformando nos últimos séculos em decorrência de uma diversidade de novas necessidades do homem e das próprias revoluções tecnológicas, resultado de transformações políticas e sociais, que tornam o cotidiano privado cada vez mais público e o espaço público cada vez mais privatizado (FERREIRA, 2000).

O conceito do *pocket park* paira sobre essa complexa cidade contemporânea, onde devemos primeiro localizar o que são cada uma dessas áreas supracitadas, pois estabelecendo os limites entre espaço público e privado podemos abordar as qualidades por trás do espaço de transição, e consequentemente do *pocket park*.

A separação de território entre comum a todos e individual, surge na antiguidade, com a sociedade grega. Segundo Aristóteles, a vida se divide entre a esfera pública e privada. A primeira faz referência à vida política do cidadão, que era exercida nos espaços comuns e na ágora da *polis*, pela ação (*práxis*) e pelo discurso (*lexis*). A segunda faz referência à vida em família, onde cada indivíduo tinha seu lugar na hierarquia familiar e deveria cumprir com suas funções práticas e sociais na esfera da casa (*oikos*). (ARENDT, 2007). É no espaço público, portanto, que o cidadão grego poderia ser igual e livre, já que na sua vida privada estaria submisso a sua hierarquia.

A *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer iguais, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Não significava domínio, como também não significava

submissão. Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre a medida que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais. (ARENDT, 2007, p. 41).

Percebe-se que o espaço público grego é um local centralizador das atividades do cotidiano do cidadão livre. Sendo assim a apropriação desse espaço é um resultado da vida em sociedade, se diferenciando completamente da vida em família. No entanto na atualidade, a vida social e política ocorrem em ambientes privados, assim como o cotidiano pessoal ocorre numa esfera pública. Vivemos na época da justaposição de espaços, da simultaneidade, onde a relação dicotômica, segundo Foucault, entre sagrado e profano presente na cidade medieval está se dissolvendo. (FOUCAULT, 1986)

Essa transformação que ocorreu com a evolução da cidade foi fruto de diversas mudanças sociopolíticas. E são elas que geraram uma nova escala de espacialidade e sociabilidade. Dessa forma, Eppinghaus (2004, p. 49) divide esses domínios da seguinte maneira:

- **O espaço privado** – ou território primário – é caracterizado pelo alto grau de intimidade: controlado pelo seu ocupante, que nele permanecem usualmente por longos períodos ao saírem da esfera mais pública da vida social. O exemplo mais contundente é a habitação.
- **O espaço público**, ou território público, em teoria, pertence a todos. É ocupado temporariamente por uma pessoa ou um grupo, entendidos como os “proprietários provisórios”, que se comportam ali conforme normas sociais e costumes daquela cultura. Neste espaço, desenvolvem-se as atividades diversas de socialização, mas é também onde se identificam atitudes de maior agressão ao outro, ao desconhecido.
- **O espaço de transição** entre o público e o privado, ou território secundário, é o espaço ocupado por grupos que se relacionam

segundo regras relativamente formais que identificam o direito de acesso e uso do território. Ele “não é nem completamente privado, nem totalmente público” e corresponde a ambientes onde ocorrem reuniões de grupos que tenham identidades em comum. É um espaço de socialização mais estrita e direcionada. (EPPINGHAUS, ANNIE GOLDBERG, 2004, p. 49)

O desaparecimento de um limite claro entre esses domínios gerou espaços de transição que tentam compensar o que existe de desagradável em determinado ambiente. Por isso alguns desses espaços são carregados por uma carga negativa, como por exemplo, os *shoppings centers*, cujo crescente número de estabelecimentos está relacionado à degradação e a insegurança vivida no espaço público, fruto de uma sociedade baseada no consumo que acaba por encenar a vida pública em uma propriedade privada. Empreendimentos como esses tendem a aglomerar pessoas a procura de comodidade e segurança, mas tem por outro lado intensificado a desvalorização dos comércios ligados às ruas e galerias. Por isso, uma série de outros serviços que antes eram prestados em contato imediato com as áreas públicas têm buscado os shoppings para continuar existindo, intensificando mais segregação.

Por outro lado, o mesmo fenômeno tenta revalorizar o domínio público. O próprio *pocket park*, surge como uma maneira de intensificar a vida pública. Nele pode se encontrar pequenos cafés e lojas, mas seu espaço é livre e acessível. Seu projeto necessita ter uma boa implantação e localização para que seu potencial seja explorado, necessariamente ligado a uma rede de espaços públicos. A sua boa localização trabalha em paralelo com as palavras de Kevin Lynch, “um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana” (LYNCH, 1997). Dessa forma o espaço de transição deve agir, intensificando a legibilidade do espaço público, e reforçando sua identidade.

Nesse contexto o *pocket park* se insere como uma maneira de revitalizar áreas degradadas em decorrência do abandono crescente. Surgindo como novos pontos atrativos da cidade, eles mostram que os espaços transitórios não têm apenas exemplos negativos, muito pelo contrário, a aliança entre o público e o privado pode gerar ambientes riquíssimos. Principalmente por essa tipologia, que

como já vimos, pode ser executada pela própria comunidade, como programa governamental ou até mesmo pela iniciativa privada. O interesse reside na boa apropriação do espaço, com um novo senso de identidade por parte dos seus usuários.

2.3. REVITALIZAÇÃO DOS CENTROS URBANOS

2.3.1. RETORNO AO CENTRO

As áreas urbanas centrais passaram décadas perdendo sua importância econômica, cultural e social. Uma vez que o crescimento se deu de forma desconcentrada e periférica, direcionando os investimentos sempre para novas localidades. Mas atualmente os corações das cidades são vistas como potenciais objetos de reinvestimento, tanto para o setor público como privado. E esse novo processo de apropriação deve ser cuidadosamente discutido por todas as partes envolvidas nas renovações urbanas.

As transformações desses centros, já enfrentadas por muitas cidades do mundo, inclusive as brasileiras, geraram novas dinâmicas sociais, como os processos de gentrificação, reconhecido como um dos destaques na renovação dos centros urbanos (SMITH, 1996).

Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass em 1963 (BOTELHO, 2005), para descrever o processo no qual as famílias de classe média haviam ocupado os antigos bairros desvalorizados do centro de Londres, ao invés dos subúrbios residenciais, modelo mais utilizado por essa classe na época (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006). Na atualidade o termo tem um sentido mais amplo e globalizado, como dito por Hamnet:

“A gentrificação é um fenômeno ao mesmo tempo físico, econômico, social e cultural. Ela implica não apenas uma mudança social, mas também uma mudança física do estoque de moradias na escala de bairros; enfim, uma mudança econômica sobre os mercados fundiário e imobiliário. É esta combinação de mudanças sociais, físicas e econômicas que distingue a gentrificação como um

processo ou conjunto de processos específicos (Hamnet, 1984, tradução nossa).

Embora preocupante, o interesse das classes mais abastadas em retornar aos centros históricos, resultando no afastamento das camadas mais pobres, se mantém como uma característica com maior presença apenas nas cidades anglo-saxônicas. Pois outras cidades europeias e até mesmo brasileiras não conheceram ou sofreram pouco, se comparado, com o completo abandono dos centros. Entretanto, esse processo ganhou destaque, por ser de interesse de diversos atores, revitalizar as áreas centrais da cidade, passando a se tornar uma política pública, assim uma ferramenta do urbanismo contemporâneo (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006).

Nesse contexto a incorporação da “cultura” se tornou um diferencial nas experiências de revitalização. Isso porque, segundo Nefs, o papel dela “pode ser descrito em duas escalas: a função da cultura de massa na grande renovação urbana e as subculturas, minorias culturais, cujas iniciativas locais podem provocar revitalização urbana.” (NEFS, 2005).

As grandes operações urbanas tendem a ter a valorização imobiliária como objetivo, gerando a gentrificação como consequência. Se por outro lado a geração de polos culturais for o objetivo principal, a população residente terá oportunidade de ser inserida nas transformações de revitalização das áreas centrais.

Servindo-se de exemplos concretos em Berlim e Amsterdã, Nefs diz que as subculturas presentes entre jovens e diferentes setores da sociedade são um importante catalizador desse tipo de revitalização. (NEFS, 2005)

As minorias culturais estão fazendo algum tempo chamando a atenção, mesmo dos setores privados. Prova disso é a crescente expressividade dessa categoria em setores como marketing, lazer, moda, música e até mesmo na arte, onde sua notoriedade ganha cada dia mais espaço com artistas como os Gêmeos (Figura 7). Dupla de grafiteiros paulistas, Gustavo e Otávio Pandolfo, que começaram a pintar muros em 1986. E ganharam destaque mundial por retratarem a cultura brasileira e suas fantasias, ao mesmo tempo em que dirigem fortes críticas à sociedade.



FIGURA 7 - GRAFITI DOS GEMEOS EM BOSTON

FONTE: © Osgemeos (2012)

Esse tipo de abordagem da cultura local tem tido adeptos globalmente. Principalmente por se tratar de uma tentativa de tornar uma cidade mais atrativa, pois tudo aquilo que é único em determinado território se torna símbolo e consequentemente ponto de interesse turístico, trazendo investimento e chance de melhoria para comunidades menos favorecidas.

“Dentro do mercado de cidades, torna-se necessário garantir um diferencial entre elas. Em função disso, há uma valorização do que é entendido como a “cultura local”. As expressões artísticas, as manifestações populares e o patrimônio histórico passam a ser enfatizados. Os discursos em torno da identidade local são constituídos também como um apelo à preservação do patrimônio histórico edificado, que é muitas vezes recuperado como cenário local a ser desfrutado pelos consumidores de lugares.” (BOTELHO, 2005)

Na América Latina, todas as revitalizações ocorridas utilizam a valorização das características específicas de seus centros urbanos (BOTELHO, 2005, p. 56). Com um apelo especial a seus patrimônios históricos. Em grande parte dos casos o principal condutor dos processos de regeneração é o poder público, que financia intervenções ao mesmo tempo em que cria mecanismos de retorno desse investimento.

No Brasil, existem vários casos de revitalização de centros urbanos, com resultados variados, mas sempre caracterizando uma melhoria da qualidade de vida e valorização local, mesmo que pequena em certas ocasiões. A renovação ocorrida em São Paulo está entre uma das mais notáveis, e mostra que esse processo leva anos para se tornar realidade. Seu início se deu pela Associação Viva o Centro, criada em 1991, formada por empresários ali estabelecidos, que resistiam ao esvaziamento e degradação crescente do Centro Velho. Graças às pressões dessas pessoas as revitalizações se tornaram realidade, tendo seus principais equipamentos implantados e renovados pelo poder público ou por parcerias diretas e indiretas. Exemplos são as obras da Pinacoteca do Estado, Sala de São Paulo, e Estação da Luz.

2.3.2. SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA

Depois de apresentado um contexto sobre como as revitalizações urbanas têm sido tratadas na América Latina, devemos realizar um estudo inicial sobre a relação de Curitiba com seu Setor Histórico, colocada em destaque nessa pesquisa – que será depois objeto de análise no capítulo **Interpretação da Realidade**.

A formação do Setor Histórico é o resultado de uma busca dos curitibanos por uma identidade que refletisse suas características. Isso porque a capital do Paraná, assim como as outras cidades do estado, até a década de 1960 não apresentava características próprias. Nas palavras de Abrão Assad, “Curitiba era a última cidade do Brasil sem característica especial. O próprio curitibano era um cara que não tinha sua marca. Não tinha uma expressão, isto porque a cidade nada tinha a oferecer”. (ASSAD, 1996)

A chance de transformar Curitiba em um símbolo de modernidade surgiu quando a cidade já apresentava uma série de problemas estruturais que precisavam

ser debatidos e resolvidos. Isso gerou um concurso para a criação de um novo Plano Diretor em meados da década de 1960, que viria a substituir o Plano Agache, feito entre os anos 1941 e 1943. A empresa vencedora foi a Serete, uma firma paulista que iria gerar uma proposta em conjunto com uma equipe local, que viria a formar em 1965 o Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba (IPPUC). E seria esse instituto o responsável por detalhar e desenvolver o esboço dos arquitetos da Serete para o Plano Diretor.

Demoraria ainda alguns anos para que o Plano Diretor de Curitiba fosse posto em prática no ano de 1971, pelo prefeito Jaime Lerner, que participara de todo o processo por fazer parte do IPPUC. O processo foi construído com uma postura participativa, debatendo-o junto com a população por meio de seminários chamados Curitiba de Amanhã.

É nesse contexto que as políticas de preservação do patrimônio aparecem, dentro do IPPUC, como uma das preocupações desse Plano Diretor de 1971, onde já se delimitavam os “setores históricos tradicionais” por meio da Lei de Zoneamento e Uso do Solo. Ainda nesse ano é publicado o Plano de Revitalização do Setor Histórico, pelo arquiteto Cyro Correa Lyra. Esse projeto colocaria os proprietários como colaboradores do processo, ao mesmo tempo em que a prefeitura ocuparia e reciclaria uma série de edifícios com grande importância cultural para a cidade, entre eles o Teatro Paiol, o Centro de Criatividade e a Casa Romário Martins.

Outras iniciativas foram tomadas na mesma época, que apresentam conexão com o setor histórico da cidade, como as políticas de promover ruas de pedestres, com o fechamento da Rua XV.

Desde então esse o Plano de Revitalização do Setor Histórico vem apenas sendo aperfeiçoado por complementos, como a criação da UIP (Unidade de Interesse de Preservação) e por novos instrumentos para a proteção desses imóveis como a transferência de potencial construtivo. Recentemente foram criadas as UIEPs (Unidade de Interesse Especial de Preservação), onde a legislação prevê que o ganho proveniente da venda do potencial construtivo dessas edificações seja revertido para a restauração da mesma.

No ano de 2000 o Setor Histórico foi ampliado pelo IPPUC, agregando à área inicial, outros três subsetores, como mostra a figura 8. Essas novas áreas protegidas são uma tentativa de melhor proteger o núcleo que é o caminho formado

entre Praça Tiradentes, Largo da Ordem e Praça João Cândido. São chamados subsetores de transição. Comumente aplicados em cidades históricas europeias, esses setores visam suavizar a transição entre intervenções contemporâneas na paisagem histórica. Dessa maneira, apesar de não haver uma tipologia uniforme entre eles, e nem mesmo construções de épocas equivalentes àquelas do eixo inicial, estabelece-se uma transição etária.

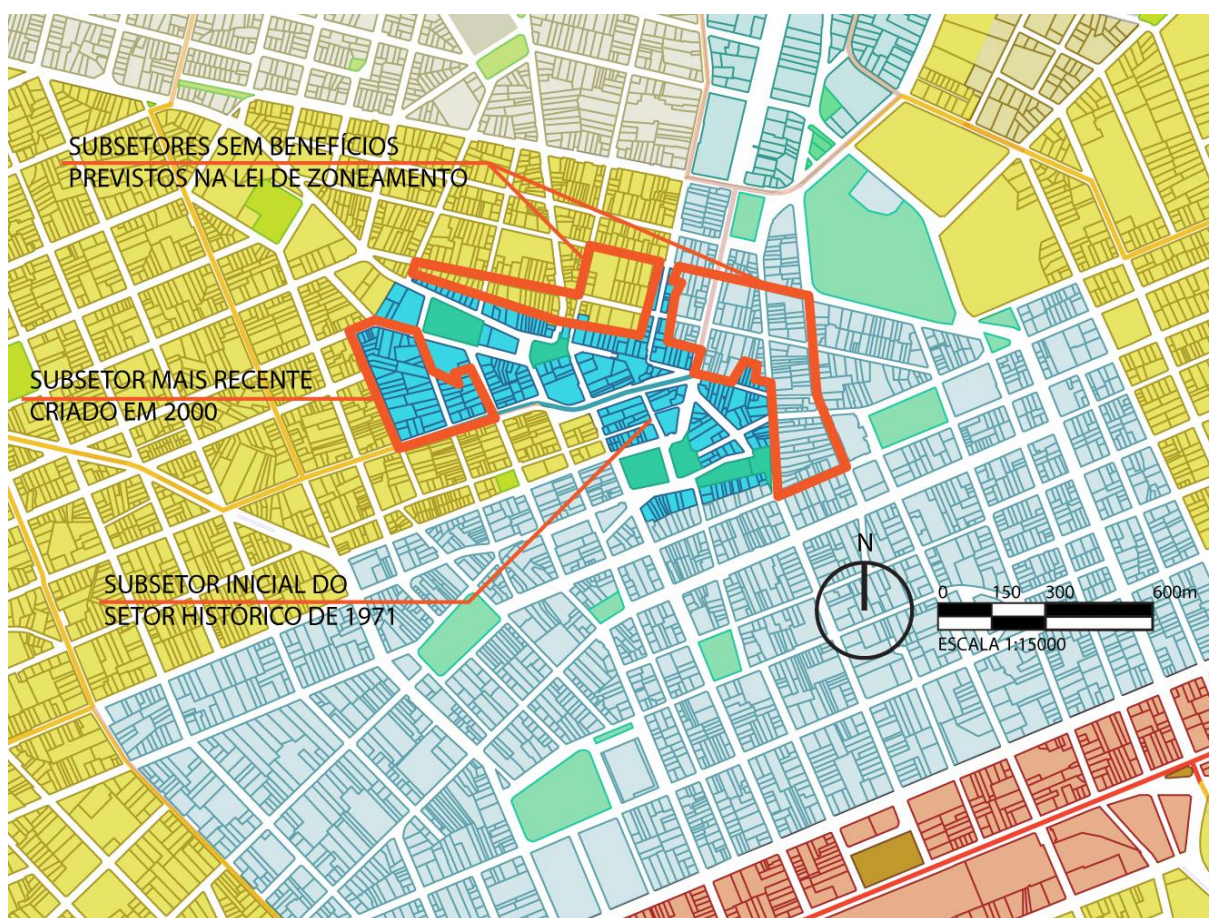


FIGURA 8 - SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA

FONTE: O Autor (2012)

Apesar desse avanço uma das mais importantes obras modernas de Curitiba não foi englobada nessa ampliação, a casa Kirchgassner. Tida como o primeiro exemplo da arquitetura modernista em Curitiba, projetada em 1929 pelo arquiteto Frederic Kirchgässner para sua moradia, sendo concluída em 1932, a casa na época de sua construção tinha vista panorâmica privilegiada para a Serra do Mar, hoje não mais visível. Ela também está entre as primeiras do Brasil a adotar os conceitos modernos de arquitetura, motivo pelo qual foi tombada no ano de 1991. Mesmo tendo essa importância ela carece de cuidados e um uso que a valorize.



FIGURA 9 - CASA KIRCHGASSNER

FONTE: Skyscrapercity (2006)

É visível que a preocupação com o Setor Histórico se dá pela sua arquitetura mais homogênea e tradicional dos séculos XVIII e XIX, tal que as obras de revitalização ocorridas a começar pelo ano de 2009 valorizam mais os imóveis que estão mais próximos do núcleo do Largo da Ordem. Prova disso é a reforma do Teatro TUC, revitalização das Ruas Riachuelo, e São Francisco e da Praça Tiradentes.

Se essa revitalização se encontra tão polarizada, é natural que o outro lado do Setor Histórico esteja sofrendo um gradativo abandono e uma consequente desvalorização. Isso porque mesmo tendo fortes características de uma paisagem transitória ele é considerado um local onde pode haver uma densa urbanização.

Tendo em vista esse deslocamento de investimentos e a desvalorização da região oeste do setor, esta pesquisa focará na região onde está situada a Casa Kirchgassner, onde existe um grande potencial para implantação de um *pocket park* pelas condições semelhantes às apresentadas no capítulo de **Obras Correlatas**.

3. ANÁLISE DE OBRAS CORRELATAS

Nesse capítulo, serão abordadas quatro obras. A primeira é o mais tradicional dos *pocket parks*, o Paley Park, que é um dos projetos mais bem sucedidos dessa tipologia e por isso deve receber destaque. Os dois seguintes são duas *plazas* de Madrid, que por suas características serem muito próximas as do *pocket park* serão consideradas como estudos de caso. É importante frisar que as *plazas* da CaixaForum e da Medialab são relevantes em especial pelo uso cultural que foi destinado a elas. Por fim, será apresentado o caso de um *pocket park* experimental, o *Materials & Applications*, que não apresenta programa fixo, e sede seu espaço a instalações artísticas, arquitetônicas e paisagísticas.

3.1. PALEY PARK – NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS

3.1.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO

Tido como um oásis no coração da cidade de Nova York, Paley Park é um dos primeiros *pocket parks* da história. Sua construção partiu de uma entidade privada, assim como a manutenção, mas seu uso é público e gratuito. Desde a sua inauguração é um dos espaços mais utilizados da cidade. Seu tamanho sucesso se deve tanto pelos conceitos maduros e inovadores de seu projeto, como pela sua privilegiada localização. Situado no centro de Manhattan, na Rua East 53rd, entre a Avenida Madison e a Quinta, fica próximo a uma área com grande concentração de grandes lojas, sedes de empresas e museus, como o MoMA (Museum of Modern Art).



FIGURA 10 - LOCALIZAÇÃO DO PALEY PARK
FONTE: O autor (2012)



FIGURA 11 – PALEY PARK

FONTE: Jon Geib (2007)

O visionário que decidiu investir em uma propriedade particular para uso público foi William Paley, fundador e presidente da rádio CBS (Columbia Broadcasting System). Sua intenção era homenagear seu pai, assim chamando o local de Paley Park. O projeto foi possível graças a grande discussão que existia em 1963 sobre o tema de pequenos parques³, gerado em grande parte por Robert Zion, que viria a ser o projetista desse parque em particular.

O local onde o *pocket park* seria instalado era ocupado por um edifício de sete andares, onde ficava o Stork Club (Figuras 12), um clube noturno de Nova York, que teria funcionado ali por 35 anos. E serviu até mesmo como cenário para o filme *The Wrong Man* (1956). Paley o escolheu pela proximidade com a sede da CBS, e por suas dimensões (12,8m x 30,5m), que eram coerentes com o conceito que Zion havia desenvolvido sobre pequenos parques entre edifícios (TATE, 2001).

³ Os parques de pequeno porte eram reconhecidos oficialmente por terem no mínimo 12.000m² (WIT, 2009)

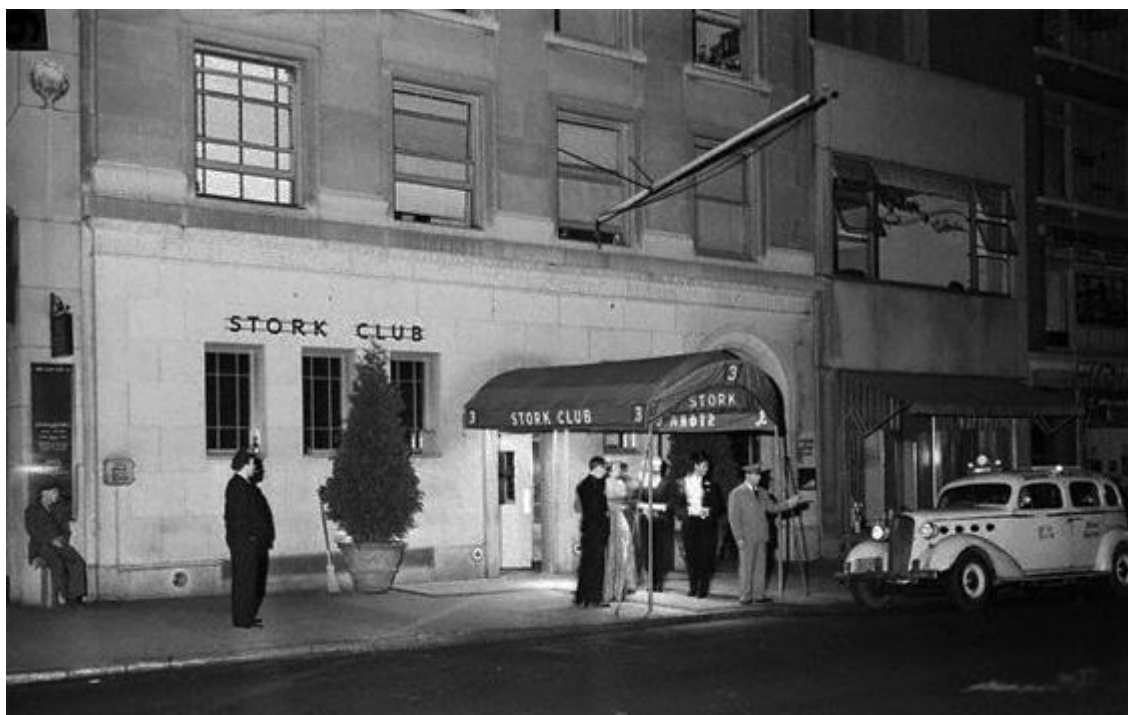


FIGURA 12 - STORK CLUB (ATUALMENTE PALEY PARK)
FONTE: Filme – The Wrong Man (1956)



FIGURA 13 - CENA DE UM BAILE NO STORK CLUB
FONTE: Filme – The Wrong Man (1956)

3.1.2. PROJETO

O conceito surgiu de uma exibição que Zion fez em 1963, na 'New York Parks for New York', onde segundo Tate (2001, p.7, tradução nossa) ele apresentou um protótipo “baseado no conceito de uma pequena sala de estar externa... com paredes, chão, e teto”. Isso gerou toda a conformação dos elementos presentes.

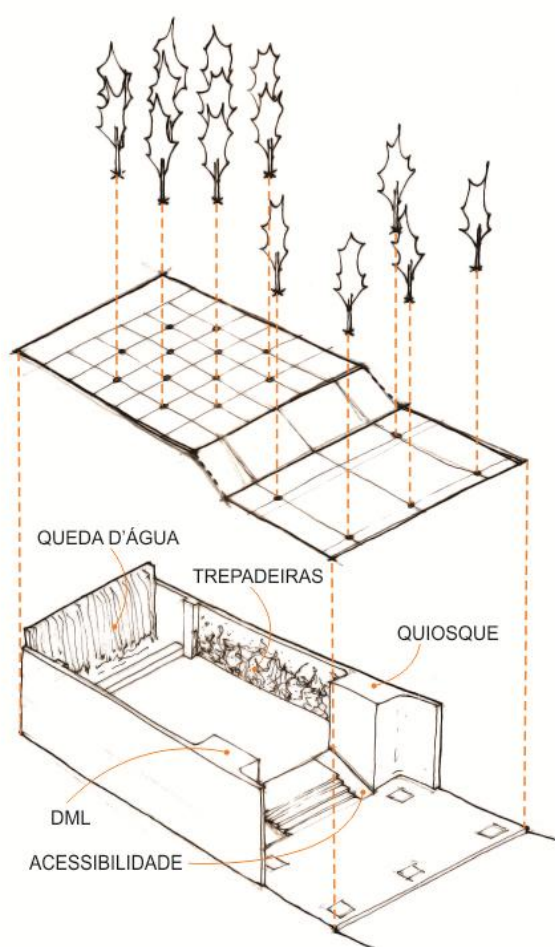


FIGURA 14 – ESQUEMA DO PROJETO

FONTE: O autor (2012)

Com acesso único, e fechado à noite por portões, o parque se eleva do nível da rua, mantendo a sua acessibilidade com rampas, mas deixando que a escada seja o ponto central dessa entrada. Desde a rua, os visitantes se deparam com árvores, algo incomum nos passeios nova-iorquinos dessa região, e essas se estendem até o miolo do parque. Esses arvoredos (*Gleditsia Triacanthos*, de nome popular: espinheiro-da-virgínia), com um volume de folhagem acumulado em seu

topo, criam uma transição entre a área pública e o interior do Paley Park. Segundo Wit (2009, p141, tradução nossa) elas “bloqueiam os prédios da vista, e providenciam um teto, dando ao local uma escala mais intimista”. A ideia é ressaltada pela altura das paredes laterais, que foram feitas com cinco metros e cobertas por trepadeiras, garantindo a escala proporcional ao lote.

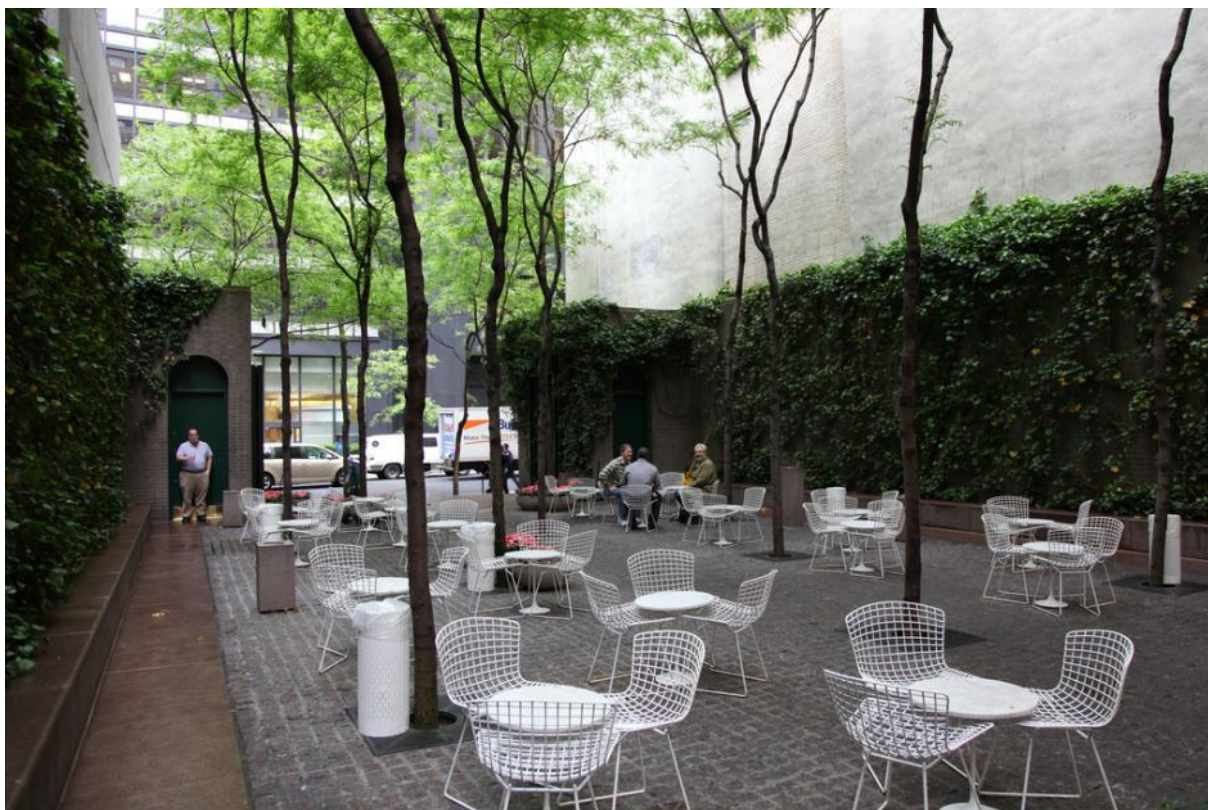


FIGURA 15 – INTERIOR DO PALEY PARK
FONTE: Jon Geib (2007)

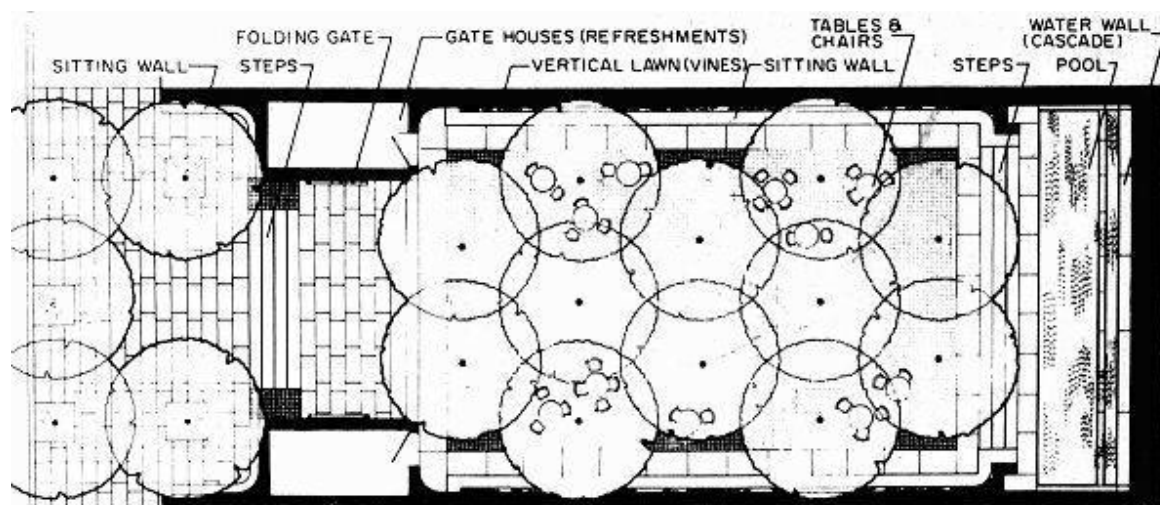


FIGURA 16 – PLANTA DO PALEY PARK
FONTE: Zion & Breen (1967)

O elemento principal desse *pocket park*, é a queda d'água de seis metros ao fundo, iluminada artificialmente. Ela cria uma verdadeira barreira contra os ruídos gerados por uma cidade que não para nunca, e isso gera um microclima confortável para os trabalhadores da região ou para pessoas em busca de um local para descanso, justificando seu status de oásis de Nova York.



FIGURA 17 - QUEDA D'ÁGUA DO PALEY PARK
FONTE: Jon Geib (2007)

Para contribuir ainda mais com esse conceito de sala de estar, o parque conta com mesas e cadeiras móveis, deixando que os usuários se agrupem livremente em qualquer quantidade. Por fim, podem desfrutar de um pequeno quiosque, incorporado às paredes laterais, que vende um tradicional cachorro quente (escolhido pelo próprio William Paley), além de cafés e outros alimentos. Outra preocupação de Zion para esse projeto são os cantos arredondados, que contribuem para a sensação de uma ausência de planos finitos, enriquecendo o ambiente.



FIGURA 18 - DETALHES DO PARQUE
FONTE: Jon Geib (2007)

3.2. CAIXAFORUM MADRID – MADRID, ESPANHA

3.2.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO

La Caixa é um banco que investe no meio social e em cultura na Espanha. Para isso tem diversos centros espalhados pelo país. Sua sede em Madrid foi projetada pelos arquitetos Jacques Herzog e Pierre de Meuron, e conta com um exemplo interessante de uso de um espaço privado para uso público. Apesar de nunca ser citado como sendo um *pocket park*, a pequena praça criada nesse projeto apresenta diversas características que poderiam enquadrá-la como tal. A CaixaForum Madrid se localiza no Passeio do Prado, uma importante avenida arborizada onde situam-se o Jardim Botânico Real, o famoso Museu do Prado e o Museu Nacional.

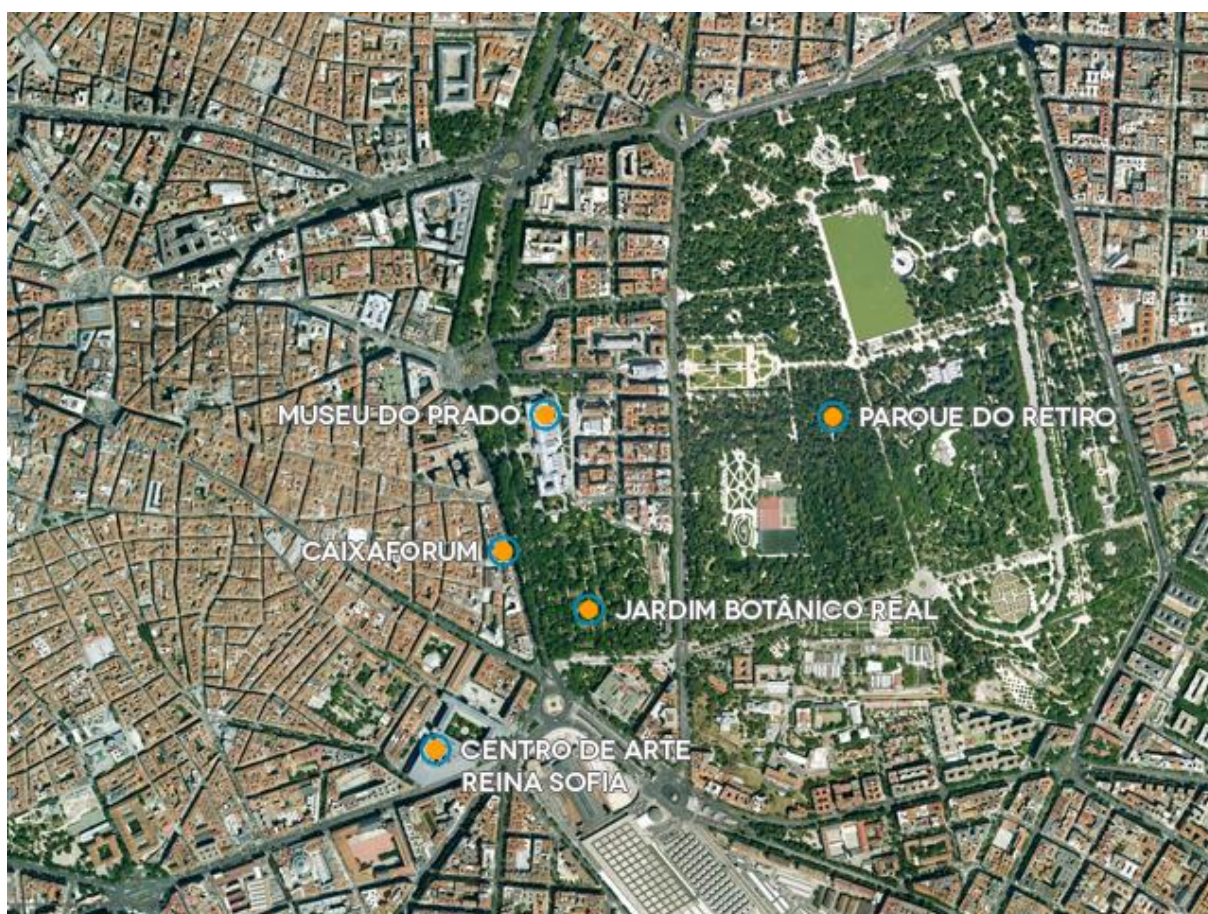


FIGURA 19 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO

FONTE: O autor (2012)

A região onde seria implantada a CaixaForum estava em uma situação de desuso e abandono: trata-se de um local onde se concentram antigos edifícios industriais que não se adequaram ao uso existente no seu entorno. Foi escolhida então pela fundação uma antiga usina elétrica de carvão do início do século XIX, que abastecia parte do sul de Madrid, para ser revitalizada e restaurada. As fachadas do edifício são consideradas um dos raros exemplos de arquitetura industrial dessa época, feitas em alvenaria de tijolos maciços, sobre uma base de pedras de granito.



FIGURA 20 - VISTAS DA SITUAÇÃO ANTERIOR AO PROJETO
FONTE: Herzog & De Meuron (2001)

3.2.2. PROJETO

Os arquitetos Herzog e de Meuron tinham em mãos um programa extenso que previa quase seis vezes a área original da usina. Entre a relação de espaços previstos estavam:

- 2 galerias de exibição;
- Auditório com 333 lugares;
- Lobby, cafeteria e loja;
- Restaurante;
- Administração;
- Salas multifuncionais;
- Espaços para aulas e workshops;
- Espaço para estocar obras de arte;
- Praça coberta de entrada (aberta para as quatro fachadas);
- Praça aberta de conexão com o Paseo do Prado;

- Instalação de uma parede verde;

Pela necessidade desse programa, os espaços internos da usina foram completamente ignorados e removidos. O novo programa foi encaixado em um volume que atravessa o prédio, desde o subsolo e se expõe ao alto, com uma tipologia desconstruída, e revestida em aço corten, respeitando a coloração da alvenaria. As fachadas históricas foram tratadas apenas como uma “pele”, tendo sido suspensas e suas bases removidas. Isso, por mais controverso, gerou acesso ao edifício por todos os lados – fato pouco comum em uma malha densamente construída do século XVIII.

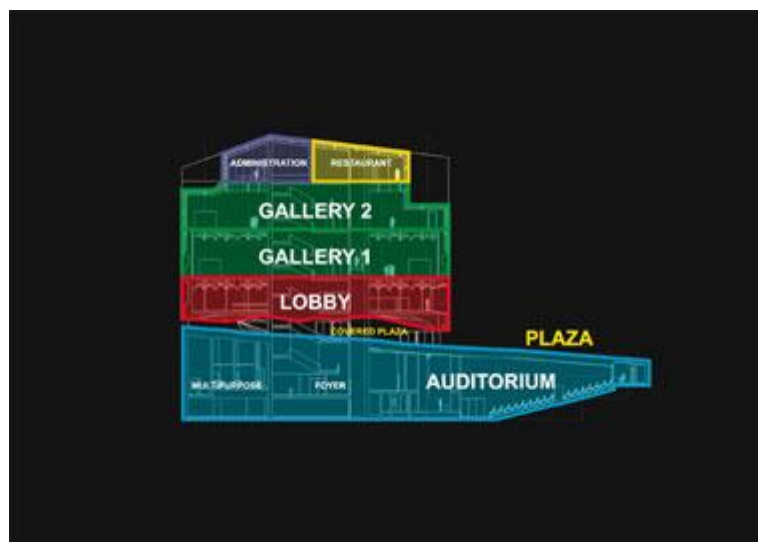


FIGURA 21 - ESQUEMA DE DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA

FONTE: Herzog & De Meuron

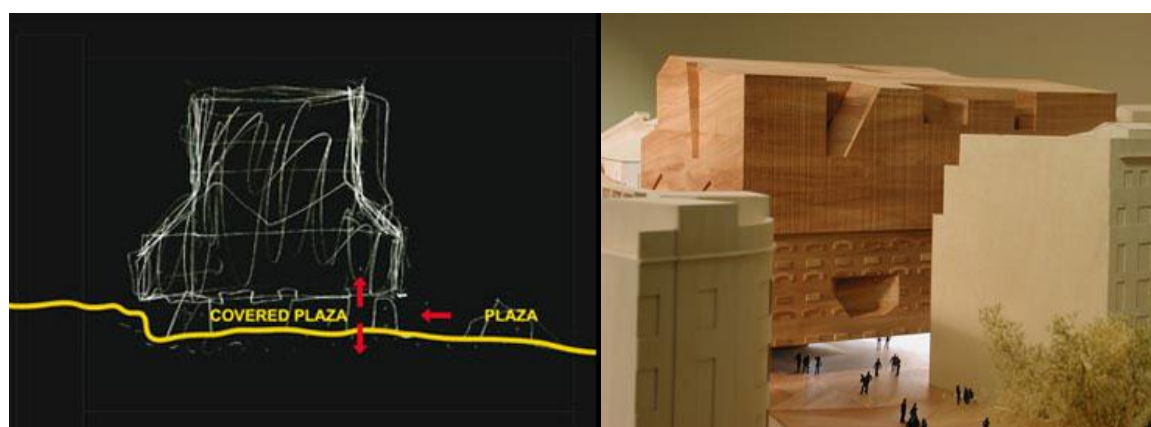


FIGURA 22 – CROQUI CONCEITUAL E MAQUETE DO PROJETO

FONTE: Herzog & De Meuron

Para tornar o projeto um conjunto visível e acessível, os arquitetos decidiram por eliminar um posto de gasolina, desativado, que fazia esquina com o passeio do Prado (a antiga usina se encontrava no lado da quadra contrario ao da avenida). Foi exatamente nesse local que surgiu a *plaza* externa da CaixaForum: compreendendo uma pequena área de transição entre essa região densa e antiga da cidade, com uma das mais tradicionais áreas livres, que são a Avenida e o Jardim Botânico Real, que ficam logo em frente é afirmada principalmente pela existência de uma parede verde na empena cega do hotel ao lado.

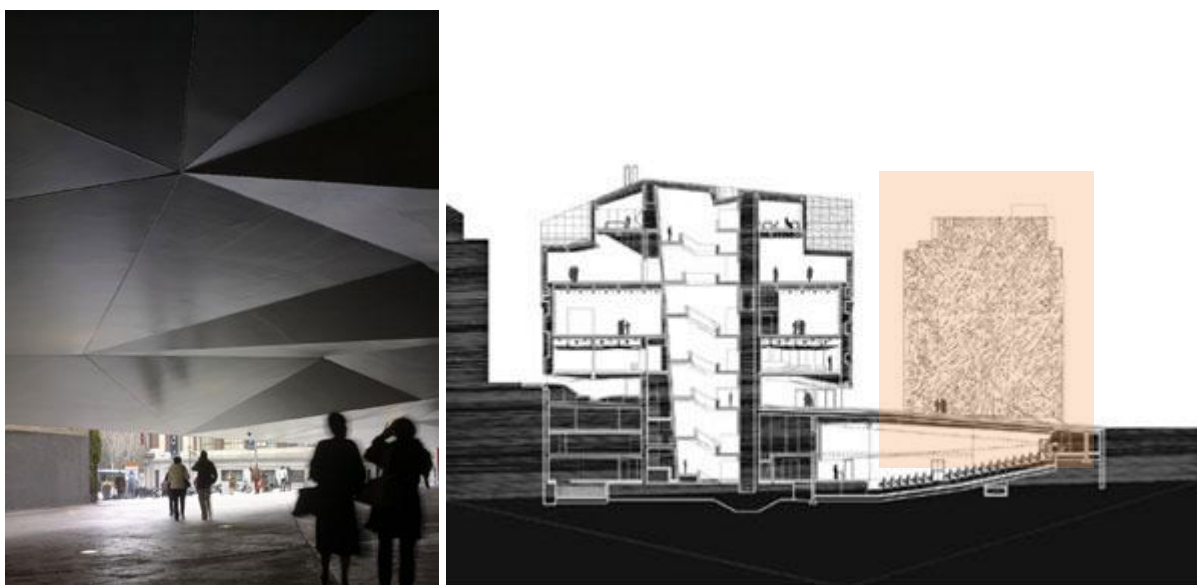


FIGURA 23 - VISTAS DA PRAÇA DENTRO E FORA
FONTE: Christian Richters

Essa praça tem como função principal ser uma galeria aberta de exibição de esculturas e outras intervenções que possam ser locadas em espaço aberto. De caráter temporário, as instalações que são colocadas nela podem ter bases e inserir espaços de convivência se desejado. Isso confirma sua intenção como espaço transitório, pois além de ser uma extensão de espaço público, também é uma extensão de museu, um espaço intersticial de cruzamento das duas funções.



FIGURA 24 - EXPOSIÇÃO NA PRAÇA DA CAIXAFORUM
FONTE: Juan Pablo González



FIGURA 25 - EXPOSIÇÃO NA PRAÇA DA CAIXAFORUM
FONTE: Pierre Engel

3.3. MEDIALAB PRADO – MADRID

3.3.1. LOCALIZAÇÃO

Próximo a CaixaForum de Madrid, existe um pequeno projeto que é muito relevante para essa pesquisa, onde ocorreu uma ocupação semelhante a da galeria tratada no subcapítulo anterior. Situada na Plaza de las Letras, a Medialab Prado, é um programa do Departamento de Artes da Cidade de Madrid, focado na produção, pesquisa, e disseminação da cultura digital e de áreas onde a arte, ciência, tecnologia e a sociedade se encontram.

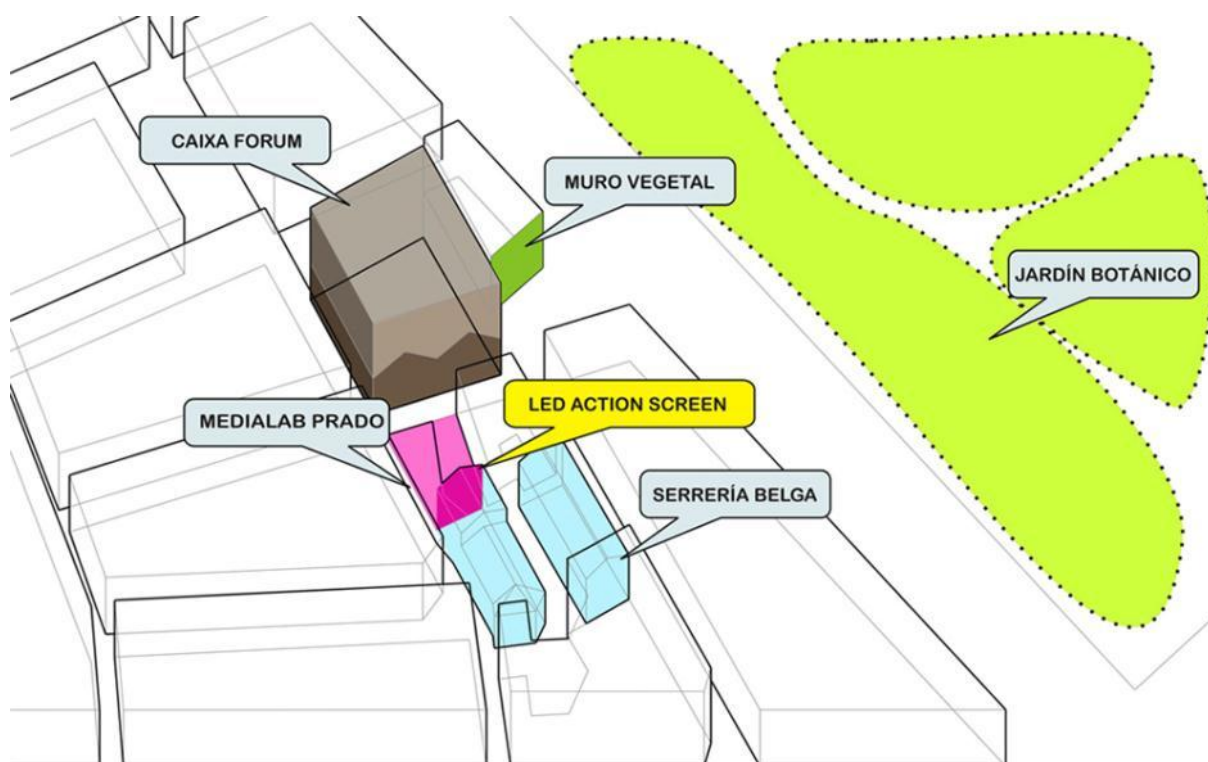


FIGURA 26 - LOCALIZAÇÃO DO MEDIALAB PRADO
FONTE: Archdaily (2009)



FIGURA 27 - EXIBIÇÃO NA PRAÇA SOBRE A MEDIALAB PRADO
FONTE: Miguel de Guzman (2009)

3.3.2. PROJETO

Fundado em 2000, o programa ganhou um espaço para suas atividades em 2007, com a criação da Plaza de las Letras (projetada pelos arquitetos e paisagistas Rodriguez & Oriol), localizada em uma das esquinas da CaixaForum Madrid. O programa do laboratório de mídia compreende apenas um ateliê multifuncional, sanitários e depósitos, que foram inseridos no subsolo da praça, permitindo que seu térreo fosse utilizado para exposições em um telão de LED. O acesso desse equipamento se localiza logo atrás do painel de exibição, onde existe uma escadaria, visível na maquete apresentada na Figura 29.

O conjunto acabou se tornando um espaço que gera a cultura digital, ao mesmo tempo em que a apresenta a comunidade. Essa relação interativa com a sociedade a aproxima dos trabalhos realizados, envolvendo-a e dando a chance que esta também participe das oficinas e eventos oferecidos pelo programa.

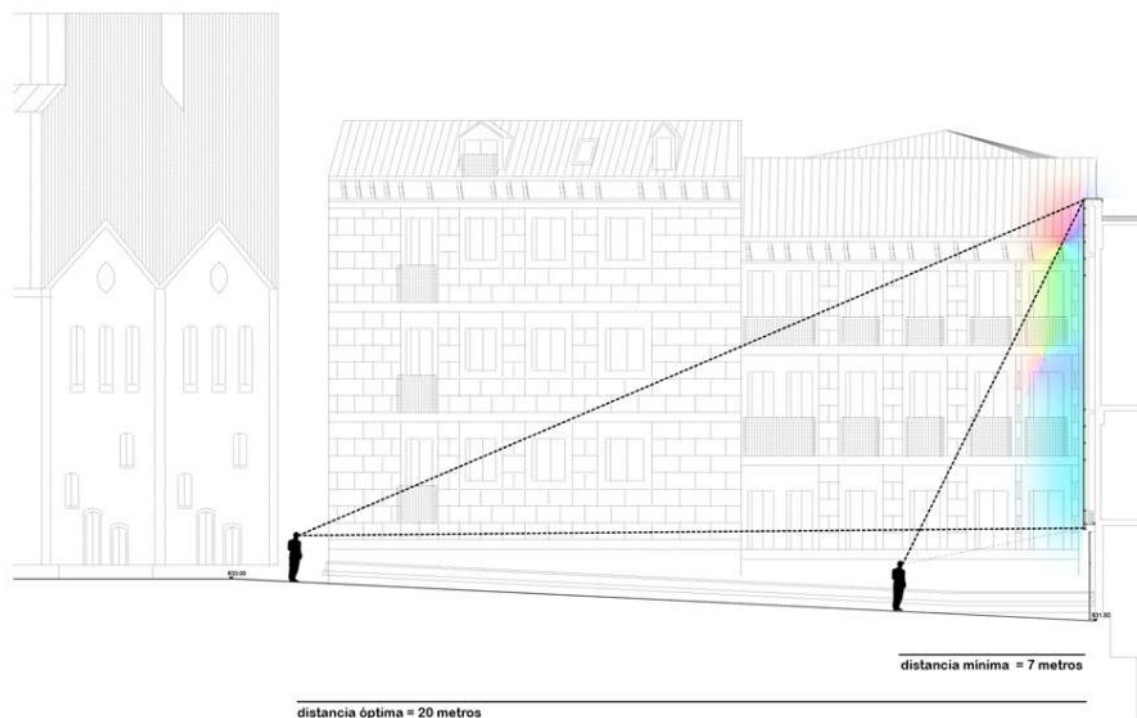


FIGURA 28 - CORTE DA PRAÇA - TELÃO DE LED
FONTE: Archdaily (2009)



FIGURA 29 - MAQUETE DO PROJETO DA PLAZA DE LAS LETRAS
FONTE: RODRIGUEZ & ORIOL (2007)



FIGURA 30 - ATELIÊ MULTIFUNCIONAL DO MEDIALAB PRADO
FONTE: RODRIGUEZ & ORIOL (2007)



FIGURA 31 - PARTE BAIXA DA PLAZA DE LAS LETRAS (VISTA PARA JANELAS DO ATELIÊ)
FONTE: RODRIGUEZ & ORIOL

3.4. MATERIALS & APPLICATIONS – LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS

3.4.1. HISTORIA E LOCALIZAÇÃO

Em meados de 2001, surge em Los Angeles um grupo de pesquisa, sem fins lucrativos, interessado em experimentar o que existe de mais novo relacionado à aplicação de materiais na arquitetura e no paisagismo, com um enfoque em materiais sustentáveis e energia renovável. Esta é a *Materials and Applications*, fundada por Jenna Didier, um grupo que visa trazer o que existe de mais inovador para as ruas. Para isso, dispõe de um jardim que apresenta todas as qualidades de um *pocket park* onde as instalações são realizadas.

Nesse espaço aberto, do tamanho de um pequeno lote, a M&A convida qualquer arquiteto, paisagista ou artista com ideias não convencionais a enviá-las ao grupo. Todas as ideias são analisadas e duas vezes ao ano essas intervenções são construídas e expostas para a cidade de forma gratuita. Esse experimentalismo vem ocorrendo desde o ano 2002 ininterruptamente, e apresenta diversos projetos, todos eles publicados em um *website*, contendo imagens desde o processo criativo, até a montagem e o período de visitação.

A *Materials and Applications* não está apenas interessada em seus experimentos: uma das preocupações segundo Oliver Hess, um de seus líderes, uma das partes mais importantes dessas intervenções, é a interação social. A organização dos eventos, oficinas, mostras de filmes que ocorrem no espaço fazem parte de uma tentativa de trazer a comunidade para dentro dessa esfera de experimentações. É uma maneira de conscientizar, divulgar e fazer com que a comunidade se sinta dona do que está sendo feito naquele local – mesmo porque todas as instalações são construídas no lote por quem as projetou e por voluntários da comunidade ligados a M&A.

Dentre os projetos mais notáveis já realizados, serão apresentados três para melhor ilustrar as propostas, que sempre podem alterar tanto a topografia do terreno como os mobiliários e aplicar quaisquer funções que desejem, transformando completamente o espaço.

3.4.2. PROJETO: MAXIMILIAN'S SHELL – 2005

Essa instalação arquitetônica do ano de 2005 foi a que tirou o grupo *Materials and Applications* do anonimato. Apesar de existirem havia três anos, eles ainda não tinham tanta credibilidade, nem muita procura por artistas e arquitetos com propostas. Foi necessário para realização desse projeto um processo de criação e planejamento que durou um ano.



FIGURA 32 - MAXIMILLIAN'S SHELL VISTA DA RUA
FONTE: M&A (2005)

O projeto contou com a participação dos arquitetos e designers Benjamin Ball, e Gaston Nogues, sendo este ultimo integrante do renomado escritório Frank Gehry Partners. Os dois são especialistas em desenhar e produzir objetos combinando protótipos feitos à mão, e sofisticadas ferramentas digitais com métodos de fabricação.



FIGURA 33 - MONTAGEM E ABERTURA DA INSTALAÇÃO
FONTE: M&A (2005)

Inspirados por um filme de ficção científica cult dos estúdios Disney, “O Buraco Negro” (The Black Hole, 1979), a intervenção foi chamada Maximilian’s Shell em homenagem ao ator que interpretou o personagem Dr. Reinhardt, tirano que no filme tenta controlar o poder do vórtice. Baseados nisso, os arquitetos e artistas desenvolveram uma estrutura tensionada que forma uma espécie de vórtice que flui do espaço livre em direção ao centro do *pocket park*. Essa estrutura utiliza um filme de poliéster pigmentado, que apresenta um efeito translucido semelhante ao de um vitral. Para realizar essa forma foram cortadas 512 peças, cada uma com formato único controlado por parâmetros matemáticos.

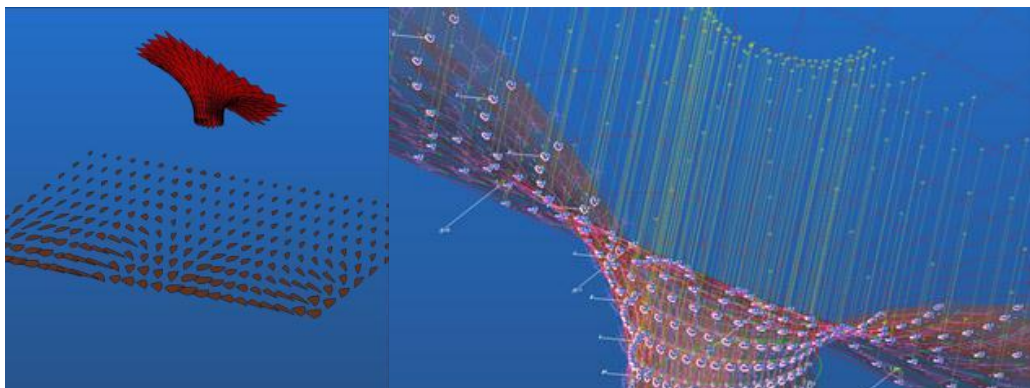


FIGURA 34 - PROJETO PARAMETRICO DAS PEÇAS

FONTE: M&A (2005)

O resultado da forma da estrutura e da ocupação foi rapidamente reconhecido como a síntese dos propósitos do M&A chamando a atenção necessária para que trouxesse o respeito da comunidade local tanto acadêmica quanto leiga.

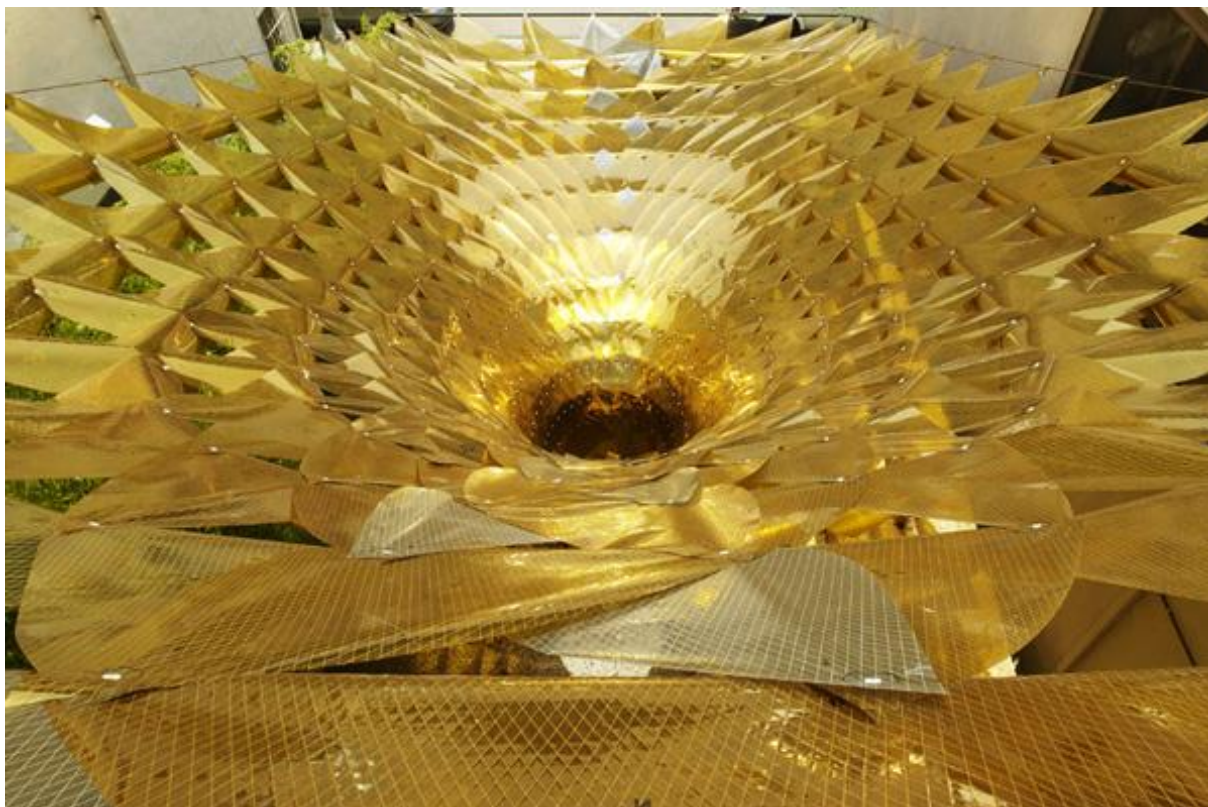


FIGURA 35 - VISTA SOBRE A INSTALAÇÃO

FONTE: M&A (2005)

3.4.3. PROJETO: HERE THERE BE MONSTERS – 2006

Nessa instalação realizada em 2006, todo o jardim foi alagado com água da chuva que era armazenada no telhado da sede da M&A. Todo sistema foi direcionado para piscinas, e dentro delas foram instalados jatos d'água, que funcionaram integradamente com sensores de movimento, onde a reação dos que passavam pela ponte que atravessava as piscinas faria a lagoa artificial borbulhar e dependendo da situação elevar colunas d'água.



FIGURA 36 - HERE THERE BE MONSTERS
FONTE: M&A (2006)

O conceito dessa instalação, portanto, é a sincronia entre a estética natural com características randômicas do ambiente, onde a conformação dos elementos na verdade dependem do posicionamento do visitante.

Essa automação do ambiente foi descrita pelos criadores como “monstros”, e existiriam três tipos deles nesse jardim d'água. Suas inteligências artificiais reagem aos estímulos dos visitantes a três diferentes medos: do desconhecido, de estar

sozinho e deles mesmos. O sistema criado também é programado para reconhecer o crescimento das plantas e a mudança de propriedades do bambu utilizado na ponte. Esse controle das mudanças na paisagem tem como objetivo convidar os visitantes a retornarem, já que a reação do programa evolui à medida que seu entorno se modifica.

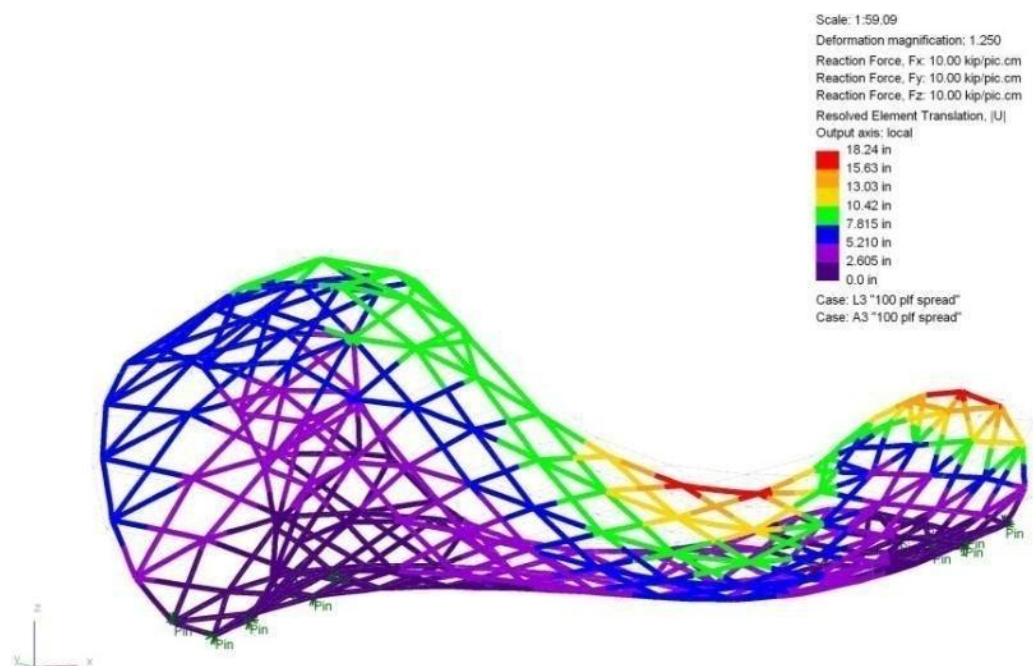


FIGURA 37 - ESTUDO DAS DEFORMAÇÕES DA PONTE DE BAMBOO
 FONTE: M&A (2006)



FIGURA 38 - MONTEGEM DA INSTALAÇÃO
 FONTE: M&A (2006)

O projeto da ponte foi realizado em uma oficina, em conjunto com o grupo experimental LEVITAS, que tem na sua equipe o engenheiro estrutural Bruce Danziger (EUA) e os arquitetos emergentes Moritz Freund (Alemanhã) e Shu-Chi Hsu (Taiwan). Depois de uma serie de estudos, eles desenvolveram uma ponte que guia os visitantes, os protegendo dos “monstros”, ao mesmo tempo em que os ajuda a interagir com o ambiente. São 150 peças de bamboo cortadas ainda verdes e sem tratamento, que levaram 20 dias para serem unidas, completando a intervenção. É necessário salientar que o projeto considerou o desgaste natural dessas peças, deixando que a estrutura se adaptasse às mudanças que o tempo impunha sobre ela.



FIGURA 39 - HERE THERE BE MONSTERS
FONTE: M&A (2006)

3.4.4. PROJETO: BLOOM – 2012

O projeto que está em exposição atualmente no M&A é a intervenção chamada *Bloom*. Realizado por Doris Sung, com a colaboração de Ingalill Wahlroos-Ritter e Matthew Melnyk. A instalação busca explorar a experimentação material, inovação estrutural, forma moldada digitalmente, fabricação padronizada e uma escultura que responda às mudanças do meio ambiente em que esta inserida.



FIGURA 40 – BLOOM

FONTE: M&A (2012)

Para atingir tantos objetivos Sung contou com um material que ela mesma está desenvolvendo, um bimetálico inteligente. Esse metal é muito semelhante ao utilizado em termostatos, mas nesse caso com suas propriedades físicas aprimoradas para a construção civil. Dessa maneira a pele que compõe a estrutura responde aos efeitos do ambiente, como o aquecimento solar e os ventos.

A estrutura é composta por 14.000 peças, agrupadas em algumas poucas diferentes funções, como especializadas em ventilação ou sombreamento. Para sustentar a hipérbole e fixar as chapas de bimetálico foram necessários 414 painéis metálicos, criando uma espécie de superfície ativa.



FIGURA 41 - DESENVOLVIMENTO POR MAQUETES

FONTE: M&A (2012)

Essa instalação comemora os 10 anos de existência da *Materials and Applications*, trazendo parcerias com as mais importantes instituições de pesquisa, aproximando a população do espaço público livre, assim como de inovações tecnológicas que beiram o pioneirismo.



FIGURA 42 - DESENVOLVIMENTO DAS PEÇAS

FONTE: M&A (2012)



FIGURA 43 - MONTAGEM DA INSTALAÇÃO
FONTE: M&A (2012)

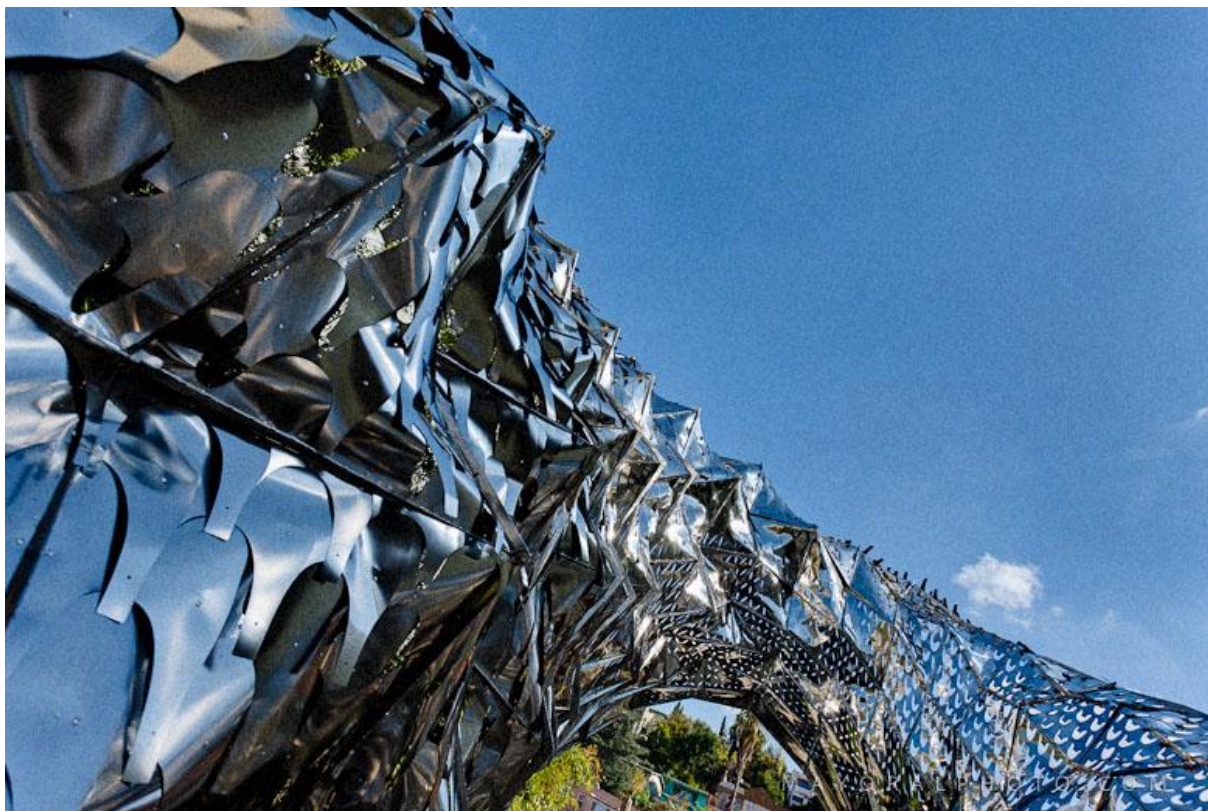


FIGURA 44 - BLOOM FINALIZADA
FONTE: M&A (2012)

4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

O capítulo apresentado nesse momento tem como objetivo a investigação e a interpretação do espaço em estudo, o Setor Histórico da cidade de Curitiba, a fim de definir melhor inserção urbana do *pocket park* nessa região. Para atingi-lo, serão apresentados os diversos fatores em forma de mapas síntese, esquemas e croquis da área estudada, para melhor ilustrar aquilo que foi averiguado em campo e em documento.

Nessa etapa, os conceitos apresentados começam a convergir na busca de um terreno que tenha os potenciais de realizar as ambições que essa pesquisa se propôs a colocar em destaque. Dessa maneira ela servirá também como uma introdução ao capítulo: **Diretrizes Gerais de Projeto.**

Mesmo considerando como área de estudo aquela que se refere à ‘Zona Especial Histórica’, o seu entorno não será deixado de lado. Isso porque, é no limite desse zoneamento que a situação dos espaços abertos e fechados fica mais delicada – devido à alteração de incentivos concedidos em cada área. Influenciando a oferta, procura, e nas possibilidades de uso dos terrenos.

O Setor Histórico, como já tratado anteriormente, foi instituído em 1971, durante a gestão do arquiteto e urbanista, Jaime Lerner, ao mesmo tempo em que muitos espaços públicos de qualidade surgiram na cidade de Curitiba. O setor criado continha originalmente 15 quadras (GAZETA DO POVO, 2000), divididas entre os bairros São Francisco e Centro. Na sua criação não foi levado em conta que obras ali estavam situadas, exceto pela casa Romário Martins; mas, sim a paisagem formada pelo conjunto de edifícios e a trama urbana tradicional. Segundo documento arquivado na Casa da Memória, essas construções “não chegam a comportar obras primas de arquitetura e nem mesmo conotações históricas memoráveis, visto que muitas delas passaram por reformas. Porém, constituem-se numa documentação rica do desenvolvimento da cidade de Curitiba.” (ARQUIVO SETOR HISTORICO, 2012).

Mesmo assim a paisagem do setor apresenta uma unidade compositiva, porque as construções que ocuparam esses antigos lotes coloniais não desrespeitaram o alinhamento predial instituído pelo ouvidor Rafael Pardiniho durante o século XIII. Foi ele quem detalhou e indicou como deveria ser a sua

ocupação urbana, segundo os quais, a vila deveria ser composta por quadras retangulares, sem afastamento entre edificações, formando um conjunto compacto de fachadas que delimitaria a separação entre público e privado.

Segundo PEREIRA:

“(...) qualquer espaço livre entre uma casa e outra comprometia a visão do conjunto. Uma quadra em que houvesse espaços vagos fosse um lote ainda não ocupado, ou ocupado por uma habitação em ruína, ou fora do alinhamento predial, era uma quadra incompleta, que prejudicava a definição espacial da cidade como um todo.” (300 anos Câmara Municipal de Curitiba, 1993).

Essa atitude tinha como principal objetivo a diferenciação entre o rural e o urbano. Embora houvesse certa dificuldade na separação das atividades de subsistência das urbanas, como a criação de animais – que mais tarde seria proibida, pois perante a legislação portuguesa não seriam atividades apropriadas para a cidade, que deveria apenas oferecer atividades comerciais e artesanais. Esse tipo de ocupação criou uma imagem simbólica de cidade, agregando ao centro funções cívicas, de serviço e comerciais. Imagem que perdurou até os dias de hoje, graças aos cuidados tomados para sua preservação.

Pode-se iniciar esta análise da situação do Setor Histórico tomando como base as zonas adjacentes a ele. Isso porque ele é uma delimitação de área prevista na Lei de Zoneamento e Uso do Solo. Tendo a sua preservação garantida dessa forma.

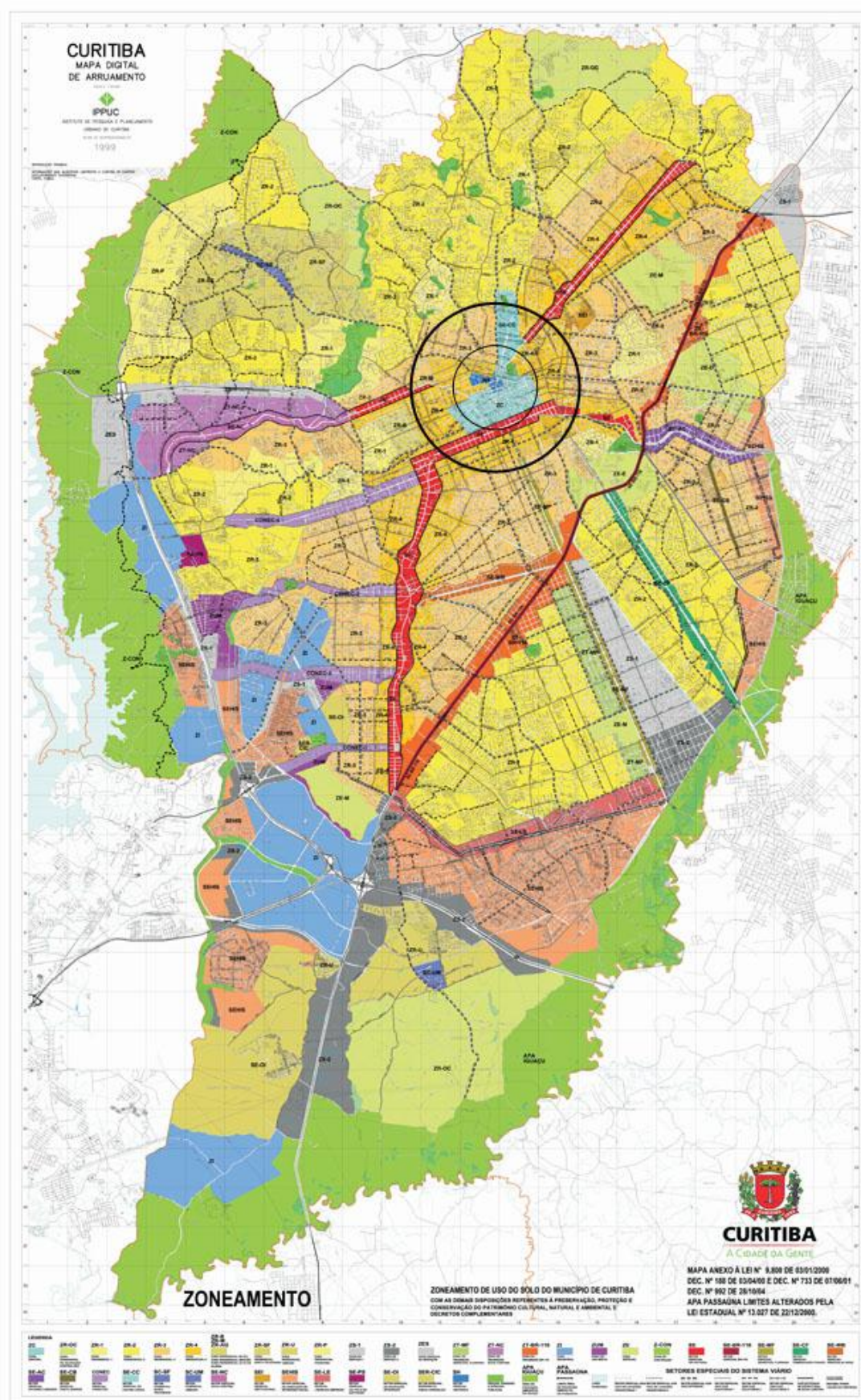


FIGURA 45 - LOCALIZAÇÃO DO SH NO MAPA DE ZONEAMENTO DE CURITIBA
FONTE: PREFEITURA DE CURITIBA (1999)

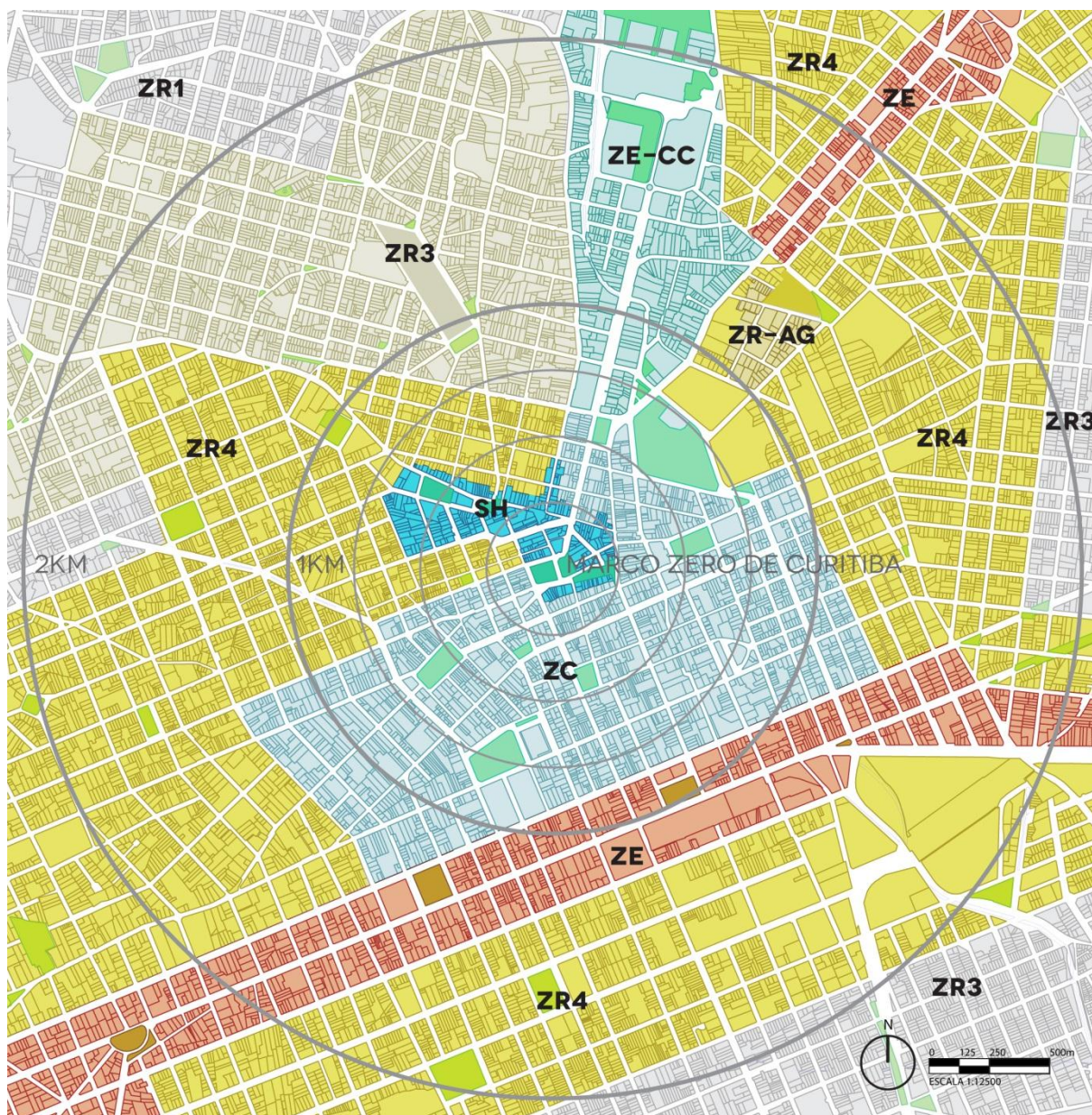


FIGURA 46 - SETOR ESPECIAL HISTÓRICO DE CURITIBA

FONTE: O autor (2012)

O Setor Histórico (SH), na Figura 46, se encontra cercado por duas outras zonas. A Zona Residencial 4 (ZR4), e a Zona Central (ZC), ambas com parâmetros que garantem uma elevada densidade. A ZR4 apresenta um limite de altura de até 6 pavimentos (permitindo 8 com a compra de potencial construtivo), e ocupação de 50% dos lotes. Já a ZC garante uma altura livre, e um parâmetro que permite ocupação integral do terreno. Foi nesse contexto que a Prefeitura de Curitiba, em 2000, ampliou o setor de maneira que existisse um perímetro de transição entre parâmetros e tipologias. Simultaneamente o Município revitalizou o antigo Paço Municipal instalando ali um centro cultural.

Com a vinda da Copa do Mundo de 2014 para Curitiba, surgiu a

oportunidade de revitalizar alguns pontos do setor. A Figura 47 compila as principais intervenções já realizadas no setor e aquelas que se conectam com o sistema de espaços livres de Curitiba.

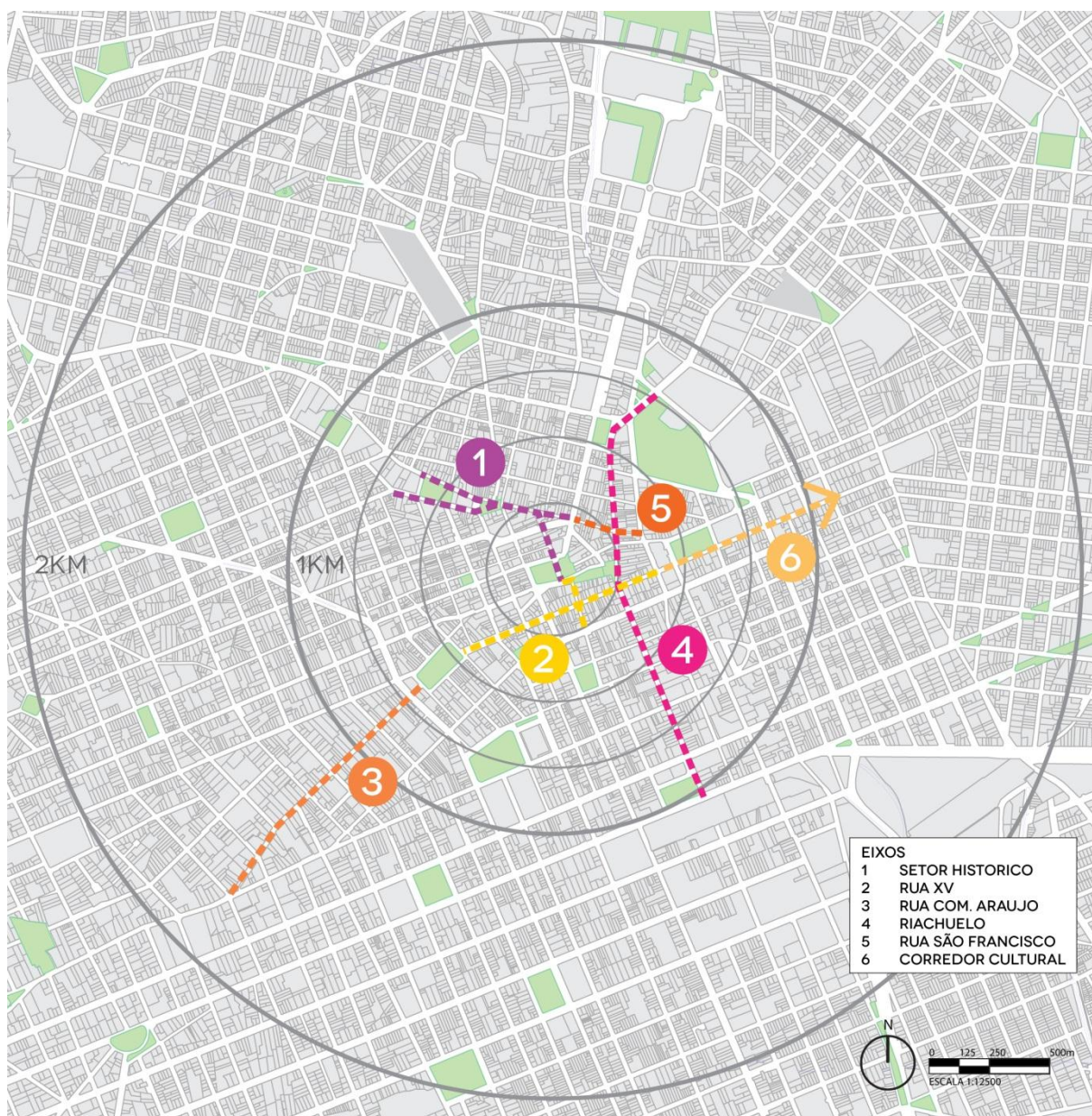


FIGURA 47 - EIXOS INTERVIDOS ATÉ 2012

FONTE: O autor (2012)

Os eixos que estão recebendo intervenções no momento são os da Rua Riachuelo (4), Rua São Francisco (5), e do Corredor Cultural (6) (IPPUC, 2012). Os outros que são formados pelo Setor Histórico (1), Rua XV (2), e Rua Comendador Araújo (3), têm apenas recebido uma manutenção periódica. Contudo é visível que o investimento se dá no sentido Leste do setor. Revitalizando principalmente as áreas

mais próximas do Marco Zero da cidade. Próximo do qual também irá ter a estação final da primeira fase do Metrô Curitibano, da Linha Azul. Como na Figura 48.



FIGURA 48 – MOBILIDADE

FONTE: O autor (2012)

Podemos concluir por essa imagem (Figura 48) que as intervenções que estão sendo realizadas culminarão com uma nova dinâmica de mobilidade na cidade. Áreas que antes foram afetadas pela passagem das canaletas de ônibus poderão ser recuperadas e para se tornar potenciais ruas de pedestres, ou mesmo ruas com largas calçadas, favorecendo o comércio e a circulação em torno dessas regiões com equipamentos culturais. Essa seria uma situação otimista se não

levássemos em conta de que o investimento está se concentrando apenas na região Leste do Setor Histórico. Deslocando o atual ponto central dos eixos para próximo da Praça Santos Andrade.

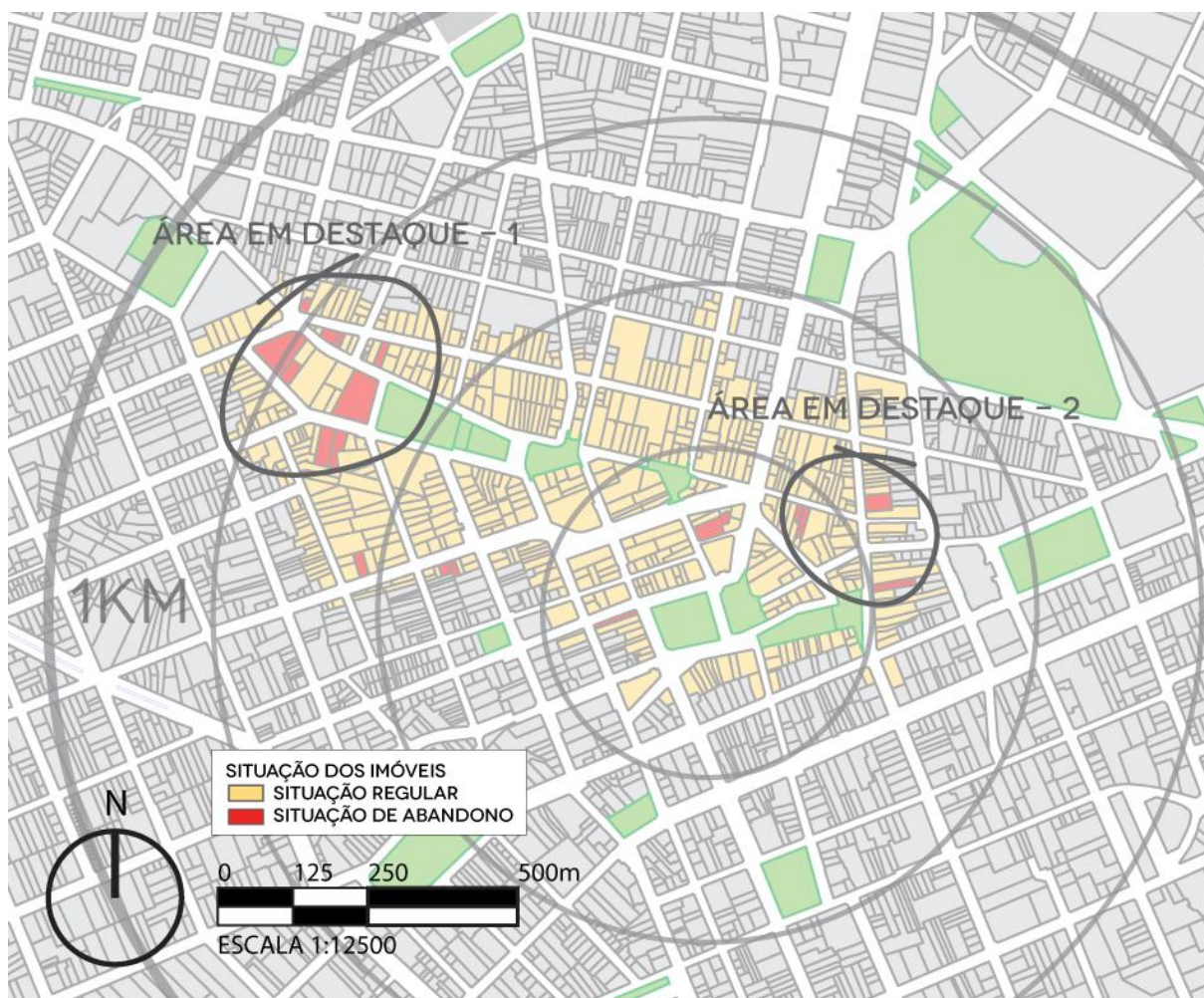


FIGURA 49 - ÁREAS EM SITUAÇÃO DE ABANDONO (SEM USO, NEM MANUTENÇÃO)

FONTE: O autor (2012)

Entretanto o deslocamento do ponto mais atrativo, que conecta todo o sistema, pode acabar trazendo uso a espaços que geravam insegurança para a população, como os imóveis abandonados na **Área em destaque - 2**. Que nesse setor são casas antigas muito deterioradas, seja por invasões ou mesmo por falta de manutenção. Um trabalho intenso já esta sendo feito na Rua Riachuelo, onde houve uma caracterização da rua com um calçamento diferenciado, instalação de fiação elétrica subterrânea, e incentivos para manutenção dos imóveis.

Por fim, a região mais delicada no Setor Histórico é a **Área em destaque - 1**, localizada na porção mais alta, onde existe uma aglomeração de imóveis em situação de abandono. Sendo que a maioria já está bem descaracterizada, por

terem sido invadidas, ou por terem recebido reformadas que as descaracterizaram. Dentro dessa relação está a Casa Kirchgassner, que está tombada, mas suas paredes já apresentam pichações sobrepostas, mostrando que há algum tempo não existe manutenção na casa. Essa região precisaria de algum tipo de revitalização, com a finalidade de recuperar a atratividade no ponto final do Setor Histórico.



FIGURA 50 - ENTORNO DA ÁREA DE INTERESSE
FONTE: O autor (2012)

A área que está em destaque na Figura 50 é a mais crítica. Pois as possibilidades de ocupação desses terrenos são muito reduzidas, considerando os parâmetros urbanísticos da ZR4, onde as construções devem obrigatoriamente ter recuos de 5 metros em cada fachada, com ocupação de 50%. Tornando-os desinteressantes para o mercado da construção civil. Da mesma forma, as construções que se encontram ali não apresentam grande qualidade arquitetônica, fato que contribui para a falta de investimentos.

Nessa área uma das edificações existentes chama a atenção (Figura 51) por ter apenas as fachadas em pé, com seu interior já tomado pela vegetação. Esse terreno é pequeno demais para receber uma edificação que se encaixe nos parâmetros urbanos, no entanto são exatamente as suas dimensões e dificuldade de ocupação que o tornam um interessante local para a instalação de um *pocket park*.



FIGURA 51 - EDIFICAÇÃO EM SITUAÇÃO DE ABANDONO – VISTA DA RUA 13 DE MAIO
FONTE: O autor (2012)



FIGURA 52 - EDIFICAÇÃO EM SITUAÇÃO DE ABANDONO – VISTA DA RUA JAIME REIS
FONTE: O autor (2012)



FIGURA 53 - VISTA GERAL DA QUADRA – VISTA DA RUA 13 DE MAIO
FONTE: O autor (2012)



FIGURA 54 – FOTO ÁEREA DO TERRENO

FONTE: O autor (2012)

Essa quadra (Figura 54) apresenta acesso apenas do lado que faz face à Rua Jaime Reis, isso porque, no outro lado passa o ponto mais alto do viaduto da Rua 13 de Maio. Dificuldade que também é encontrada na terceira rua, a João Manoel, que nesse trecho foi fechada por ser um cruzamento extremamente perigoso com a saída do viaduto da Rua 13 de Maio. No entanto, a Jaime Reis é um dos principais acessos ao Setor histórico – tornando-se um desvio aos domingos, quando as ruas do Setor Histórico doam seu espaço para a tradicional Feira do Largo da Ordem. Se aliarmos isso ao fato da Jaime Reis ser a continuação da Rua Manoel Ribas – importante eixo de conexão entre os bairros Santa Felicidade e São Francisco – podemos julgar que essa área é um local propício para se tornar um marco delimitador do setor (Figura 55).

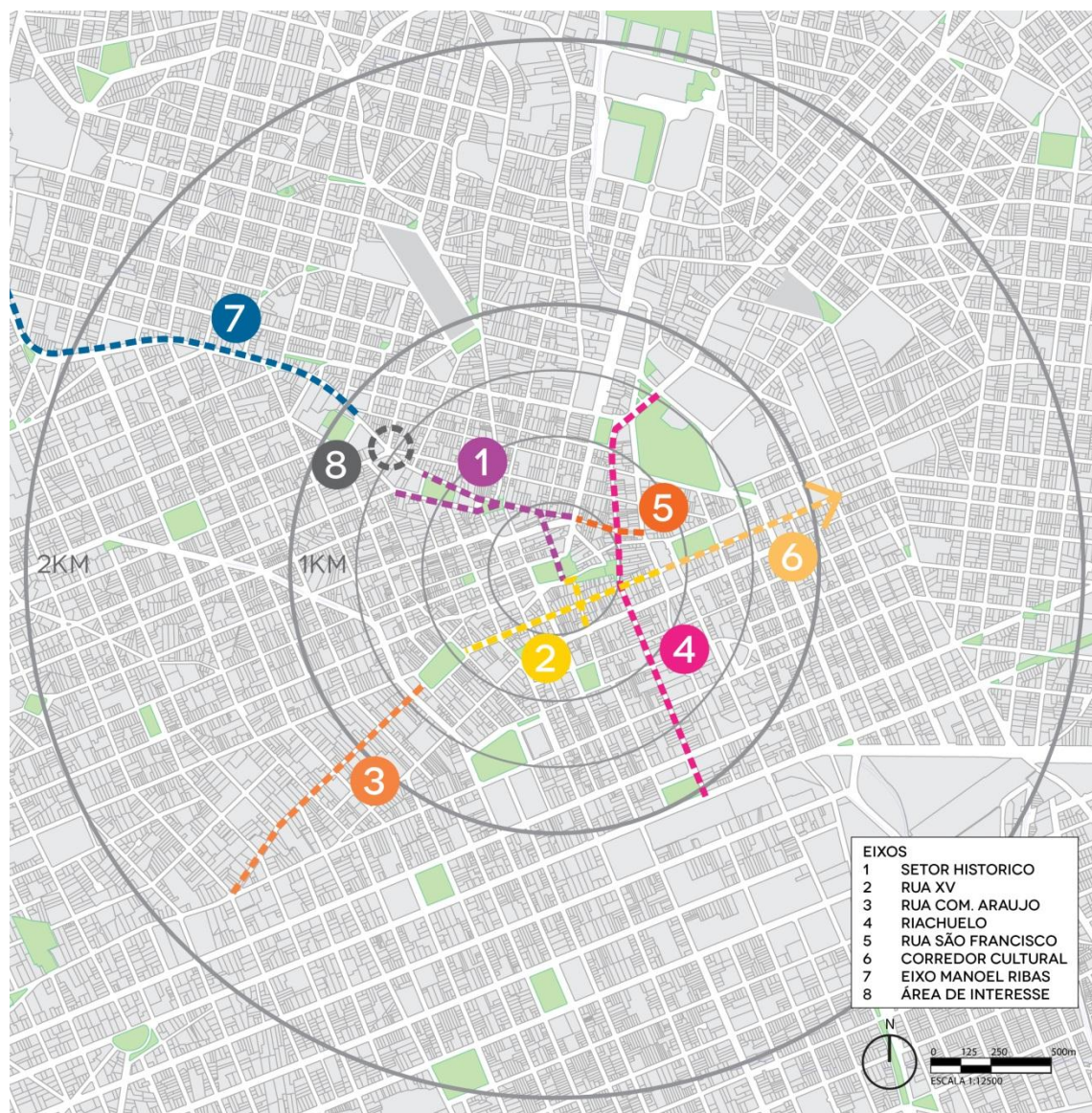


FIGURA 55 - LIGAÇÃO DO EIXO MANOEL RIBAS COM O SETOR HISTORICO
 FONTE: O autor (2012)

Pode-se concluir que o local em estudo tem grande potencial como espaço de transição, principalmente pela sua localização. Porém para que se busque a revalorização e a consolidação dele como ponto nodal da cidade é preciso que o equipamento a ser projetado tenha alguma função cultural, e que seja atrativo o suficiente para que exista uma interação com a comunidade local e com os turistas que visitam esse setor. Dentro desse contexto existem os casos levantados no Capítulo **Análise de Obras Correlatas**, onde o caso da CaixaForum utiliza o espaço de transição como uma extensão das suas galerias, ou do M&A onde os arquitetos podem explorar novas tecnologias com intervenções arquitetônicas no espaço. O uso voltado para a cultura dessa área pode reverter à situação atual e se tornar símbolo do início ou término do Setor Histórico de Curitiba.

5. DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

Todos os temas, problemáticas e potencialidades levantadas nesse trabalho de pesquisa encontram um ponto em comum nesse momento, a necessidade de diretrizes, que baseadas em todo o processo possam nortear a etapa de projeto. No capítulo cinco será tratado cada um dos pontos que tornam um espaço público e de transição num local agradável, útil, e mágico para o público. Para alguns dos aspectos tratados serão tomados como base os estudos efetuados por William H. Whyte sobre espaços públicos abertos, assim como os realizados mais recentemente por Sun Alex sobre projeto de praças.

“As melhores praças, e mais usadas, são locais de socialização, com uma grande quantidade de casais do que você encontraria em locais pouco usados, com mais pessoas em grupo, mais pessoas se conhecendo, mais pessoas se despedindo.” (WHYTE, 2001, p. 17, tradução nossa)

5.1. ACESSOS

Bons acessos são aspectos chave para o bom uso dos espaços abertos. Parte se da premissa de que um ambiente deve ser acessado antes, para então poder ser usado, portanto se generosos e acessíveis a todas as pessoas, o *pocket park* tem o principal quesito de um bom espaço público. Para Stephen Carr, o acesso ao espaço público é classificado em três tipos: físico, visual, e simbólico ou social (CARR⁴ et al., 1995, apud ALEX et al., 2008).

O acesso físico é caracterizado pela ausência de barreiras, sejam espaciais ou arquitetônicas (muretas, quiosques, plantas, água, etc.), para entrar e sair de um ambiente.

O acesso visual, ou visibilidade, define a qualidade do primeiro contato, a impressão inicial dada ao usuário do lugar. Perceber e identificar ameaças potenciais são processos instintivos do homem antes de adentrar um espaço (ALEX,

⁴ CARR, S. et al. **Public Space**. Nova York: Cambridge University Press, 1995.

2008). Quanto mais próximo do nível da rua, mais visível será o ambiente, propiciando um maior uso do mesmo.

O acesso simbólico ou social está ligado à presença de sinais, sejam eles sutis ou óbvios, sugerindo quem é e quem não é bem vindo ao local. Esse elemento pode ser identificado como o uso dado, decoração, presença de seguranças nas entradas, ou porteiros. Todos eles atraem ou afastam determinados públicos.

“(...) o convívio social no espaço público está intimamente relacionado às oportunidades de acesso e uso, o que depende de um desenho “interno” coerente e de um desenho “externo” – as ruas e o tráfego da área – adequado. A articulação com o tecido urbano, isto é, a conexão entre espaços urbanos variados, da praça e do entorno, é uma de suas funções originais e essências.” (ALEX, 2008, p 126)

Assim o estudo dos acessos do projeto já iniciado no capítulo 4, deverá ser aprofundado com cautela para que o *pocket park* se enquadre como um espaço que se destine tanto a comunidade local como aos turistas que visitam o Setor Histórico. Para com isso atingir uma combinação equilibrada dos elementos, tornando o espaço num local visível, acessível, e de público diverso.

5.2. ONDE SENTAR

O segundo aspecto mais importante para o projeto um espaço aberto é a possibilidade de se sentar. Como constatado por Whyte (2001, p. 24), o uso das praças não se dá tanto pela insolação, ou pela sua estética, mas pela quantidade de locais onde é possível sentar. E nesse quesito não se enquadram apenas bancos e cadeiras, foi averiguado que as pessoas sentam em qualquer lugar que seja possível, desde que tenha altura e sustentação para tal. Sua sugestão é que antes de confortáveis esses locais devem ser socialmente confortáveis, isto é, considerar a ocupação de frente, lado a lado, de costas, no sol, na sombra, em grupos ou sozinho (WHYTE, 2001). Dar escolha aos usuários é um aspecto chave para bom uso, sendo uma diretriz a ser seguida.

Nos *pocket parks* estudados praticamente todos dispunham de locais para se sentar. O caso do Paley Park em especial, um dos mais utilizados em Nova York e também presente nas análises de Whyte, possui cadeiras e mesas soltas no espaço – dando a possibilidade do usuário configura-lo da maneira que lhe parecer conveniente no momento, formando grandes grupos sentados ou garantindo a solidão daqueles que a desejam.

5.3. ASPECTOS NATURAIS

Os aspectos naturais são o controle do projeto sobre a insolação, ventilação, sombreamentos, arborização e do uso da água. A utilização desses espaços abertos esta ligada diretamente a esses elementos, embora se altere com as mudanças das estações, a ocupação dos usuários é garantida em terceiro lugar por esses fatores.

O sol é importante para a ocupação em estações frias, os visitantes irão procurar os locais mais ensolarados para se sentar e se aquecer. O oposto acontece nas estações mais quentes.

A colocação de árvores deve ser estratégica, os usuários dos espaços abertos apreciam locais para sentar próximos a esse tipo de vegetação, eles se sentem protegidos por elas, além de apreciarem o sombreamento que proporcionam (WHYTE, 2001). Novamente o Paley Park oferece um dos melhores exemplos, sua arborização se deu de maneira que as folhagens formam uma espécie de teto, peneirando os raios de sol.

A água é um elemento muito utilizado nos *pocket parks* para protegê-los acusticamente, e que poderá ser um instrumento importante nesse projeto, pois o viaduto da Rua 13 de Maio gera a reverberação do som dos veículos que lá trafegam. Sendo importante aliar ao projeto o uso de queda d'água, fonte, ou curso d'água.

O controle da ventilação no caso dos *pocket parks*, é pouco problemático, pois normalmente os espaços são protegidos por outros edifícios, impedindo que forme uma corrente de ar forte dentro dos pequenos parques.

5.4. EQUIPAMENTO CULTURAL

Como foi concluído no capítulo 4, o projeto do *pocket park* deverá agregar alguma função cultural, que dependendo de seu porte pode necessitar o uso de algum dos lotes adjacentes. Algumas opções parecem ser atrativas o suficiente para o terreno em estudo, todas relacionadas às obras correlatas. Usos como: galeria de arte, espaço de exibição de filmes e mídias digitais, estar, e área de intervenção arquitetônica e paisagística são todos equipamentos que poderiam ter bom uso nesse local. Dependendo do bom desenho e administração dos elementos já listados para que o projeto atinja a magnitude que se pretende.

5.5. SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO

O projeto, além de cumprir com diversos fatores técnicos, deve apresentar características que possibilitem a sua contemplação, permitindo ser para os usuários um local de retiro do cotidiano. Dependendo da função que pretende se atribuir ao local, torna-se um desafio aliar tantas demandas, embora exista a favor do projeto a topografia acidentada do local, que permite o trabalho com níveis. Comparativamente, no caso correlato da Plaza de las Letras (Figura 56), o terreno permite uma ocupação inteligente do terreno, inserindo funções no subsolo da praça e criando dois níveis dela, gerando certo grau de recolhimento e contemplação.

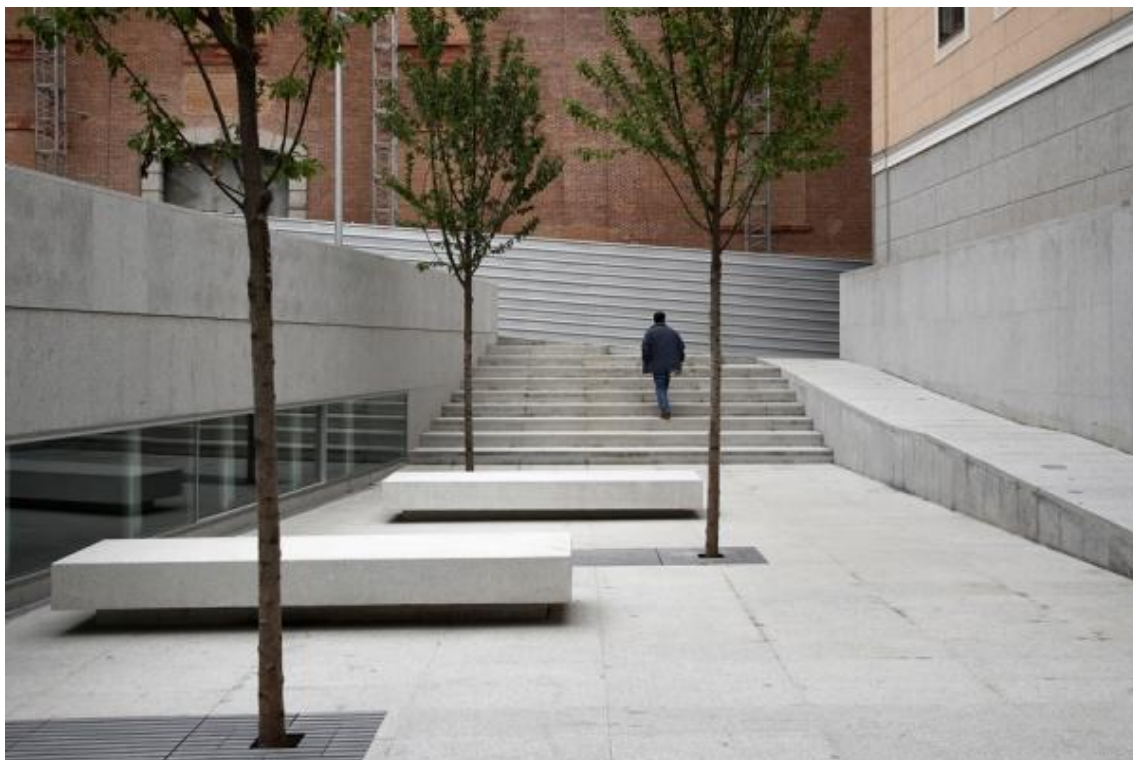


FIGURA 56 - TRABALHO COM NÍVEIS NA PLAZA DE LAS LETRAS
FONTE: RODRIGUEZ & ORIOL

5.6. CONCLUSÃO

As diretrizes de projeto que resultaram da pesquisa apresentada nesse trabalho serão convertidas em propostas espaciais na próxima etapa do Trabalho Final de Graduação, cujo objetivo será gerar um anteprojeto de um *pocket park*.

Esse capítulo encerra a presente etapa, que buscou maneiras de revitalizar as áreas desvalorizadas da cidade de Curitiba, utilizando uma linha de raciocínio que partiu da tipologia, do seu uso, para então estudar as relações com a cidade. Espera-se que este trabalho de pesquisa se torne útil para aqueles que no futuro busquem informações e referências sobre os *pocket parks*, devido à dificuldade de encontrar informações confiáveis sobre o tema, assim como literatura nacional tratando sobre ele.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX. S. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

ALIATA, F.; SILVESTRI G. **A paisagem como cifra de harmonia: relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico**. Tradução: Paulo Chiesa. Curitiba: Editora UFPR, 2008. 256p.

ARANTES, A. (ed.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARQUIVO SETOR HISTORICO, Curitiba. **Setor Histórico**. Casa da Memória. Consulta em 09/10/2012.

ASSAD, A. **Boletim Informativo Casa Romário Martins**: Fundação Cultural de Curitiba. Vol. 23, no. 114, Curitiba: 1996.

BARRA, E. **Paisagens Úteis**: Escritos sobre paisagismo. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: Mandarim, 2006.

BIDOU-ZACHARIASEN, C (Coord.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.

CONTEMPORARY japanese landscape. Tokyo: Process Architecture, 1988. 220 p.

EPPINGHAUS, A. **Influência do projeto no processo de apropriação dos espaços públicos em áreas residências: o caso da Barra da Tijuca**. 140 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FELIX, A. **Preservação do patrimônio edificado em Curitiba: As unidades de interesse de preservação**. 58 f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

FOUCAULT, M. Of Other Spaces. **Diacritics**. Baltimore, Vol. 16, No 1, p.22-27, 1986)

GLASS, R. **Introduction to London: Aspects of Change**. London: Center for Urban Studies, 1963.

HAMNETT, C. Gentrification and residential location theory: a review and assessment. In: HERBERT. D.; JOHNSTON. R. (ed.). **Geography and the Urban Environment: Progress in Research and Applications**. New York: Wiley and Sons. 1984. P. 282-319.

HAMNETT, C. The Blind Men and the Elephant: The Explanation of Gentrification. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**. Oxford, Vol. 16. No 2, p. 173-189, 1991.

KRINKE, R. (Ed.). **Contemporary Landscapes of Contemplation**. London; New York: Routledge, 2005.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 137 p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução de: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEREIRA, M. **Câmara Municipal de Curitiba: 300 anos**. Edição histórica. Curitiba: Câmara Municipal do Paraná, 1993.

SEPE, P; GOMES, S. **Indicadores ambientais e gestão urbana**: desafios para a construção da sustentabilidade na cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente: Centro de Estudos da Metrópole, 2008. 145 p.

SMITH, N. **The new urban frontier: gentrification and the revanchist city**. New York; London: Routledge, 1996.

TATE, A. **Great City Parks**. 2. ed. New York: Spon Press, 2001. p. 4- 8.

WHYTE, W. **The Social Life of Small Urban Spaces**. New York: Project for Public Spaces Inc, 2001.

7. WEBGRAFIA

ARCH DAILY. Disponível em: <www.archdaily.com>. Acesso em: 10/10/2012.

A+T – ARCHITECTURE PUBLISHERS. **New Public Spaces in the Paseo del Prado. Madrid.** Disponível em: <http://aplust.net/permalink.php?atajo=new_public_spaces_in_the_paseo_del_prado_madrid>. Acesso em: 13/10/2012.

BOTELHO, T. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. **Revista EURE**. Santiago, v. 31, n. 93, p. 53-71, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v31n93/art04.pdf>>. Acesso em: 13/10/2012.

CURITIBA. Decreto n. 427, de 20 de outubro de 1983. Define critérios para denominação de áreas públicas ajardinadas. **Leis Municipais**. Disponível em: <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 05/11/2012.

DEZEEN. Disponível em: <www.dezeen.com>. Acesso em: 15/10/2012.

FERREIRA, A.; MARQUES, S. Inovação espacial ou social?. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 4, n. 69 (20), 1 de agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-20.htm>>. Acesso em: 04/11/2011.

HERZOG & DE MEURON. Disponível em: <<http://www.herzogdemeuron.com/>>. Acesso em: 15/10/2012.

KINOSHITA, I. The new public realm shaping street landscape. In: CONFERENCE OF THE PACIFIC RIM COMMUNITY DESIGN NETWORK, 6., 2007, Quanzhou, China. **Proceedings...** Disponível em: <<http://courses.washington.edu/quanzhou/pacrim/papers/KinoshitaPaper070531-changes%20accepted.pdf>>. Acesso em: 10/10/2012.

KIBI – KEEP INDIANAPOLIS BEAULTIFUL INC. Disponível em: <<http://www.kibi.org>>. Acesso em: 10/10/2012.

LOBODA, C.; DE ANGELIS B. Áreas Verdes Urbanas: Conceitos, usos e funções. **Ambiência – Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, Guarapuava, v. 1, n. 1, p. 125-139. Junho 2005. Disponível em: <<http://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/viewFile/157/185>>. Acesso em: 05/11/2012.

M&A – MATERIALS AND APPLICATIONS. Disponível em: <www.emanate.org>. Acesso em: 13/10/2012.

MAGNANI, J. **Lazer na Cidade**. NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2000. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>>. Acesso em: 10/10/2012.

MARYMAN, B.; ROTTLE, N. **Green futures toolkit**: A resource guide for designing seattle's green network. 308 f. Trabalho Acadêmico (Landscape Architecture) – University of Washington, Seattle, 2006. Disponível em: <<http://depts.washington.edu/open2100/toolkit.pdf>>. Acesso em: 10/04/2012.

MURAO, O. Case study of architecture and urban design on the disaster life cycle in Japan. In: WORLD CONFERENCE ON EARTHQUAKE ENGINEERING, 14., 2008, Beijing, China. **Proceedings...** Disponível em: <http://www.iitk.ac.in/nicee/wcee/article/14_S08-032.PDF>. Acesso em: 10/10/2012.

NEFS, Merten. Subculturas e revitalização urbana: experiências recentes em Amsterdã, Berlim e São Paulo. **Pós. Rev Programa Pós-Grad Arquít Urban. FAUUSP**, São Paulo, no. 18, 2005. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-95542005000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13/10/2012.

NYC – NEW YORK CITY. Disponível em: <www.nyc.gov>. Acesso em: 04/05/2012.

NYSB – NEAL'S YARD SALAD BAR. Disponível em: <nealsyardsaladbar.com>. Acesso em: 10/10/2012.

OBRA SOCIAL “LA CAIXA”. **CaixaForum Madrid**. Disponível em: <http://obrasocial.lacaixa.es/nuestroscentros/caixaforummadrid/elcentro_es.html>. Acesso em: 13/10/2012.

OSGEMEOS, Disponível em: <www.osgemeos.com.br>. Acesso em: 15/10/2012

PPS – PROJECT FOR PUBLIC SPACES. Disponível em: <www.pps.org>. Acesso em: 04/11/2012.

RODRIGUEZ & ORIOL. Disponível em: <www.frpo.es>. Acesso em: 15/10/2012.

THE VER. LINNETTE C. WILLIAMSON MEMORIAL PARK ASSOCIATION, INC. Disponível em: <<http://www.williamsonparks.org>>. Acesso em: 10/10/2012.

WIT, S. Hidden landscapes – The Enclosed Garden as a Prototype for New Urban Spaces. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANDSCAPE ARCHITECTURE BY ILA AND OGLA, 3., 2009, Vienna, Austria. **Landscape – Great Idea! X-Larch III: Conference Proceedings**. Institute of Landscape, Spatial and Infrastructure Sciences. University of Natural Resources and Applied Life Sciences, 2009. p. 140-143. Disponível em: <http://www.rali.boku.ac.at/fileadmin/_/H85/H852/_TEMP_/090531_xlarch_all.pdf>. Acesso em: 20/06/2012.

8. FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

ARCH DAILY. Disponível em: <www.archdaily.com>. Acesso em: 10/10/2012.

CONSTRUCTALIA. Disponível em: <www.constructalia.com>. Acesso em: 15/10/2012.

CONTEMPORARY japanese landscape. Tokyo: Process Architecture, 1988. 220 p.

DEZEEN. Disponível em: <www.dezeen.com>. Acesso em: 15/10/2012.

GEIB, JON. **Paley Park**. 2007. 6 fotografias, color. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/jon6/>>. Acesso em: 15/10/2012.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <www.maps.google.com.br/>. Acesso em: 10/10/2012.

HERZOG & DE MEURON. Disponível em: <<http://www.herzogdemeuron.com/>>. Acesso em: 15/10/2012.

KIBI – KEEP INDIANAPOLIS BEAUTIFUL INC. Disponível em: <<http://www.kibi.org>>. Acesso em: 10/10/2012.

M&A – MATERIALS AND APPLICATIONS. Disponível em: <www.emanate.org>. Acesso em: 13/10/2012.

PERICOLI, M. **New York, line by line: From Broadway to the Battery**. New York: Universe, 2009.

PMC – PREFEITURA DE MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/>>. Acesso em: 15/10/2012.

OSGEMEOS. Disponível em: <www.osgemeos.com.br>. Acesso em: 10/10/2012.

RODRIGUEZ & ORIOL. Disponível em: <www.frpo.es>. Acesso em: 15/10/2012.

SKYSCRAPERCITY. Disponível em: <www.skyscraper.com>. Acesso em: 10/10/2012.

THE WRONG man. Direção de Alfred Hitchcock. Los Angeles: Warner Bros, 1956. 1 filme (105 min), sonoro, legenda, mono., 35mm.